



UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE ARTES VISUAIS
CURSO DE LICENCIATURA EM ARTES VISUAIS

DRIELEE CARVALHO RIBEIRO

ARTE NO MARANHÃO: DILA E O ENSINO DE ARTES VISUAIS PARA O
RECONHECIMENTO E A PRESERVAÇÃO DO PATRIMÔNIO CULTURAL

SÃO LUÍS

2026

DRIELEE CARVALHO RIBEIRO

**ARTE NO MARANHÃO: DILA E O ENSINO DE ARTES VISUAIS PARA O
RECONHECIMENTO E A PRESERVAÇÃO DO PATRIMÔNIO CULTURAL**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao Curso de Licenciatura em
Artes Visuais da Universidade Federal do
Maranhão como requisito parcial para
obtenção do título de Licenciatura em
Artes Visuais.

Orientador(a): Prof. Dr. Mateus Alves
Silva.

SÃO LUÍS

2026

Ficha gerada por meio do SIGAA/Biblioteca com dados fornecidos pelo(a) autor(a).
Diretoria Integrada de Bibliotecas/UFMA

Carvalho Ribeiro, Drielee.

ARTE NO MARANHÃO : DILA E O ENSINO DE ARTES VISUAIS PARA
O RECONHECIMENTO E A PRESERVAÇÃO DO PATRIMÔNIO
CULTURAL / Drielee Carvalho Ribeiro. - 2026.
105 p.

Orientador(a): Mateus Alves Silva.

Curso de Artes Visuais, Universidade Federal do
Maranhão, São Luís, 2026.

1. Dila. 2. Ensino de Artes Visuais. 3. Artes
Visuais Maranhense. 4. Abordagem Triangular. 5. Educação
Patrimonial. I. Alves Silva, Mateus. II. Título.

FOLHA DE APROVAÇÃO

DRIELEE CARVALHO RIBEIRO

ARTE NO MARANHÃO: DILA E O ENSINO DE ARTES VISUAIS PARA O
RECONHECIMENTO E A PRESERVAÇÃO DO PATRIMÔNIO CULTURAL

Este Trabalho de Conclusão de Curso foi
julgado adequado para obtenção do Título
de Licenciatura e aprovado em sua forma
final pelo Curso de Artes Visuais.

Aprovada em 14 de julho de 2026.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Mateus Alves Silva (Orientador)

Prof. Dr. Frederico Fernando Souza Silva (1º Avaliador)

Prof. Dr. José Marcelo do Espírito Santo (2º Avaliador)

Dedico este trabalho à memória da artista
Dila, cujo olhar autêntico e sensível
eterniza-se no tempo.

AGRADECIMENTOS

Aos meus pais, Ivanilde Carvalho Ribeiro e Marksoel Soares Ribeiro, e ao meu irmão Eliseu Carvalho Ribeiro, pois sempre foram minha fortaleza nos momentos de dificuldades e me deram um amor do tamanho do mundo. Agradeço, também, imensamente a todos os meus familiares.

À arte-educadora Paula Francinete Barros Bezerra e a toda a equipe da escola UEB Dr. Neto Guterres, que receberam não só a mim, mas todos os bolsistas do PIBID de uma forma acolhedora e cordial.

Aos amigos que fiz ao longo do curso de graduação: Viviane Torres (Vivi), Ismael Rodrigues (Isma), Kaylanne Braga (Kay), Daniele Viegas (Dani), Camila Moraes (Camis) e Anna Gabryelle (Gabbie). Sem vocês, passar pela graduação com toda certeza não teria sido tão divertido.

A cada aluno da turma 61, guardarei para sempre no meu coração as memórias, as risadas, os abraços, as experiências e os momentos de nossas trocas de aprendizagens.

À Sofia Pessoa Guimarães, discente do curso de Artes Visuais e vice-diretora da 1ª Liga Acadêmica de Desenho e Pintura (LADP), por proporcionar uma experiência única e enriquecedora, através de sua oficina, aos alunos da 61.

Ao Prof. Dr. Mateus Alves Silva, cuja sabedoria, paciência e incentivo constante foram fundamentais para a realização dessa pesquisa.

RESUMO

Este trabalho monográfico parte de uma inquietação decorrente do processo de escolarização da autora, no qual se observou a ausência de artistas plásticos maranhenses nos currículos e livros didáticos de Arte. Diante dessa lacuna, como objetivo geral do estudo tratou-se de desenvolver e aplicar uma prática de ensino de Artes Visuais direcionada a alunos do Ensino Fundamental na cidade de São Luís do Maranhão, tendo como objeto central o conjunto das obras da artista plástica maranhense Dila (Dileuza Diniz Rodrigues, 1939-2022) e as possibilidades de utilizá-las no ensino e aprendizagem. A metodologia adotada configurou-se como uma intervenção direta em sala de aula através da aplicação de um plano de curso fundamentado na Abordagem Triangular de Ana Mae Barbosa, articulando a produção da artista com novas discussões sobre patrimônio cultural.

Palavras-chaves: Dila; Ensino de Artes Visuais; Artes Visuais Maranhense; Abordagem Triangular; Educação Patrimonial.

ABSTRACT

This study stems from an issue identified during the author's own schooling: the absence of visual artists from Maranhão in art curricula and textbooks. Addressing this gap, the study's general objective was to develop and implement a visual arts teaching practice for elementary school students in São Luís, Maranhão. The central focus was the body of work by Maranhão-based visual artist Dila (Dileuza Diniz Rodrigues, 1939–2022) and the potential for using these works in teaching and learning. The methodology involved a direct classroom intervention based on a course plan grounded in Ana Mae Barbosa's Triangular Approach, linking the artist's work with contemporary discussions on cultural heritage.

Keywords: Dila, Visual Arts Education; Visual Arts Maranhense; Triangular approach; Heritage Education.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

IMAGENS

Imagem 1 - Festa do Divino, litografia, 1980.....	17
Imagem 2 - Obra representando a Lenda de Dom Sebastião.....	17
Imagem 3 - Feira, óleo sobre tela, 1991.....	18
Imagem 4 - A colheita de algodão, acrílica sobre tela, 2021.....	18
Imagem 5 - Mostra Homenagem: Dila, Espaço de Artes Márcia Sandes, 2021.....	20
Imagem 6 - Abordagem Triangular.....	35
Imagem 7 - Anotando os tópicos da aula na lousa.....	58
Imagem 8 - Atividade de aluna.....	59
Imagem 9 - Atividade de aluno.....	59
Imagem 10 - Atividade de aluno.....	60
Imagem 11 - Atividade de aluno.....	60
Imagem 12 - Apresentando as áreas tombadas do patrimônio cultural no Centro Histórico de São Luís, MA.....	62
Imagem 13 - Mapa das áreas tombadas do Centro Histórico de São Luís, MA.....	62
Imagem 14 - Bumba Meu Boi: Patrimônio cultural imaterial.....	64
Imagem 15 - Tecelagem de palha da Bielorrússia: Patrimônio cultural imaterial.....	64
Imagem 16 - Explicação do nome do patrimônio escolhido pelo aluno.....	66
Imagem 17 - Aluna jogando o jogo “Tipos de patrimônios culturais”.....	66
Imagem 18 - Jogo finalizado.....	67
Imagem 19 - Mapa mental: Tipos de patrimônios culturais.....	67
Imagem 20 - Alunos reunidos em grupos para a elaboração dos títulos.....	68
Imagem 21 - Casarão, óleo sobre tela, 1984.....	69
Imagem 22 - Sem título, óleo sobre tela, 1996.....	70
Imagem 23 - Amazônia, litografia, 1985.....	70
Imagem 24 - Maria Fumaça, litografia, 1991.....	71
Imagem 25 - Alunos apresentando seu título para a obra de Dila.....	71
Imagem 26 - Sem título, óleo sobre tela, 1991.....	72
Imagem 27- Bumba meu boi, acrílica sobre tela, 2021.....	73
Imagem 28 - Apresentando a artista local aos alunos.....	74
Imagem 29 - Apresentando o azulejo aos alunos.....	75
Imagem 30 - Azulejos de São José na Avenida Silva Maia.....	77
Imagem 31 - Mural de azulejos São Luís Antigo (1997).....	78
Imagem 32 - Mural de azulejos Sem Título (1997).....	78
Imagem 33 - Aluno criando seu próprio padrão de azulejo.....	79
Imagem 34 - Padrão de azulejo elaborado por aluna finalizado.....	79
Imagem 35 - Obra “Bumba Meu Boi” , de 2021.....	80
Imagem 36 - Alunas pintando suas peças de azulejo.....	81
Imagem 37 - Aluno pintando seu azulejo.....	82
Imagem 38 - Ajudando a aluna na criação das tonalidades das cores.....	83
Imagem 39 - Aluno pintando seu azulejo.....	83
Imagem 40 - Alunas pintando seus Papéis Paranás.....	84

Imagem 41 - Painel coletivo finalizado.....	84
Imagem 42 - Professora Paula Barros conversando com seus alunos.....	85
Imagem 43 - Mural de Azulejos Centro de Convenções.....	86
Imagem 44 - Alunos realizando as leituras da obra.....	87
Imagem 45 - Azulejos no casarão.....	87
Imagem 46 - A Festa do Divino Espírito Santo.....	88
Imagem 47 - Palmeira de coco babaçu no mural de Dila.....	89
Imagem 48 - Relógio no mural de Dila.....	90
Imagem 49 - Finalização das leituras do mural do Centro de Convenções.....	90
Imagem 50 - Mural de Azulejos Centro Pedagógico Paulo Freire.....	91
Imagem 51 - Pé de caju no mural de Dila.....	92
Imagem 52 - Contextualizando sobre os elementos da obra.....	93
Imagem 53 - Brasão da prefeitura de São Luís.....	94
Imagem 54 - Alunos realizando as leituras da obra.....	94
Imagem 55 - Sofia Pessoa instruindo os alunos.....	96
Imagem 56 - Alunos realizando a oficina na GAAVI.....	97
Imagem 57 - Finalização da oficina.....	97

QUADROS

Quadro 1- O Patrimônio Cultural na BNCC (Ensino Fundamental - área de Linguagens).....	28
Quadro 2- O Patrimônio Cultural na BNCC (Ensino Fundamental - Áreas de Ciências Humanas e da Natureza).....	30
Quadro 3- Dados das aulas do plano de curso.....	36
Quadro 4- Aula 1.....	38
Quadro 5- Aula 2.....	39
Quadro 6- Aula 3.....	40
Quadro 7- Aula 4.....	41
Quadro 8- Aulas 5 e 6.....	42
Quadro 9- Aula 7.....	43

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	12
1. DA INOCÊNCIA À AUTENTICIDADE: UMA BREVE BIOGRAFIA E TRAJETÓRIA ARTÍSTICA DE DILA.....	15
2. DO “CONHECER PARA PRESERVAR” ÀS NOVAS PERSPECTIVAS DE EDUCAÇÃO PATRIMONIAL: DILA E OS BENS CULTURAIS PATRIMONIAIS.....	21
2.1. Os primeiros anos das ações educativas do Iphan: A Fase Heroica (1937-1967).....	21
2.2. Os avanços e retrocessos para o rompimento do “conhecer para preservar” (1981-1996)	22
2.3. Subvertendo o “conhecer para preservar”: A Nova Pedagogia do Patrimônio (2006-)..	25
2.4. O patrimônio cultural na Base Nacional Comum Curricular (2017-).....	27
2.5. Dila como um caminho para o reconhecimento e a preservação de bens patrimoniais..	31
3. DILA E O PATRIMÔNIO CULTURAL: RELATOS DE EXPERIÊNCIAS NO PROGRAMA INSTITUCIONAL DE BOLSAS DE INICIAÇÃO À DOCÊNCIA.....	33
3.1. A preparação do curso: Atividades no PIBID.....	33
3.2. Plano de curso e planos de aulas.....	34
3.2.1. Aula 1: Os patrimônios pessoais: Introdução à ideia de patrimônio.....	38
3.2.2. Aula 2: Tipos de patrimônios culturais: material, imaterial e natural.....	39
3.2.3. Aula 3: Introdução à análise da obra de Dila e criação coletiva de títulos das suas produções artísticas.....	40
3.2.4. Aula 4: Azulejaria maranhense: História, técnica e os murais de Dila na cidade de São Luís.....	41
3.2.5. Aulas 5 e 6: preparação do painel coletivo de azulejos com papel.....	42
3.2.6. Aula 7: As marcas de Dila na UFMA: Visita Técnica aos murais de azulejos da artista local.....	43
3.3. Análise das aulas ministradas.....	44
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	49
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	51
ANEXOS AFETIVOS.....	57
ANEXO 2 - PROJETO DE CURSO.....	98

INTRODUÇÃO

Ao longo do meu processo de escolarização, pude perceber que nas aulas de Arte, tanto práticas quanto expositivas, não eram trabalhadas e exploradas as obras de artistas plásticos maranhenses, fossem estes ludovicenses ou de outros municípios do Maranhão. Estes artistas, cujas produções influenciaram e impactaram a História da Arte no Brasil, não estavam inseridos na maioria dos livros didáticos usados pelos docentes em sala de aula.

Em certas aulas de Arte do Ensino Fundamental ou no ensino médio, quando se estudavam alguns movimentos artísticos, eram trabalhados artistas plásticos brasileiros. Entretanto, estes artistas pertenciam a outras regiões do território, em sua grande maioria, da região sudeste. Não eram estudados os artistas do Maranhão. Além de que, eram trabalhados outros artistas de realidades muito distantes de nós, por exemplo: artistas que pertencem a outras nações como estadunidenses, italianos, espanhóis, franceses, japoneses e entre outros.

Ao adentrar no curso de Licenciatura em Artes Visuais pela Universidade Federal do Maranhão (UFMA), tive acesso, durante a aula da cadeira de História da Arte IV, ministrada pelo professor José João Santos Lobato, ao livro *"Arte do Maranhão – 1940-1990"*, publicado pelo Banco do Estado do Maranhão (BEM) em 1994 (BEM, 1994). Este trabalho cataloga pintores, desenhistas e gravadores do Maranhão pertencentes a essas seis décadas e exhibe as produções dos mesmos. Neste material, uma artista, em particular, me chamou a atenção: Dila.

A partir desse encontro surgiu o problema de pesquisa: Como desenvolver uma prática de ensino de artes visuais a partir da análise das obras da artista plástica maranhense Dila (Dileuza Diniz Rodrigues) para alunos do Ensino Fundamental na cidade de São Luís?

Definiu-se então como objeto central: o conjunto das obras de Dila, em formato digital, e as possibilidades de utilizá-las no ensino básico, mais especificamente, no Ensino Fundamental. Objetivou-se desenvolver uma prática que introduziria artistas locais em sala de aula, no caso desta pesquisa, a artista plástica autodidata maranhense Dila, nas aulas de Arte do Ensino Fundamental em São Luís.

Ademais, o estudo objetiva compreender os benefícios e a importância desta introdução no processo de ensino e aprendizagem de artes para estes discentes, propiciando o desenvolvimento das noções de pertencimento e identificação e, também, uma maior conexão do estudante com os conteúdos trabalhados em Artes.

Para realizar a pesquisa optei por uma intervenção direta em sala de aula por meio da aplicação de um plano de curso voltado à relação entre a obra de Dila e as discussões sobre o patrimônio, tendo por base a Abordagem Triangular. Para a preparação, debruçei-me sobre a coleta do material bibliográfico disponível, considerando algumas linhas temáticas: a artista plástica Dila, sua vida, obra e seu contexto histórico; o patrimônio cultural, o histórico de seu desenvolvimento no Brasil e as ações de Educação Patrimonial; as metodologias de ensino de arte, a Abordagem Triangular e a discussão da imagem no ensino na arte. Munida dessas referências, pude construir a aplicação desta prática pedagógica e artística por meio de um plano de curso.

Para realizar o curso aproveitei as atividades do PIBID (Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência) realizadas na escola UEB Dr Neto Guterres. A proposta do curso foi baseada na Abordagem Triangular de Ana Mae Barbosa, incluindo seus três pilares: a Contextualização Histórica, a Leitura da Obra de Arte e o Fazer Artístico, voltados para a artista autodidata maranhense Dileuza Diniz Rodrigues e sua produção.

Todas essas ações foram registradas, documentadas e estão expostas sequencialmente nessa monografia. No primeiro capítulo, “Da inocência à autenticidade: uma breve biografia e trajetória artística de Dila” estão presentes, de forma breve, os dados bibliográficos de Dila e os principais acontecimentos da trajetória da artista. Além disso, aborda a discussão sobre a “Arte *Naïf*” construída ao longo da história, visto que a artista foi reconhecida por empregar este estilo em suas produções artísticas.

No segundo capítulo, “Do ‘Conhecer para Preservar’ às novas perspectivas de educação patrimonial: Dila e os bens culturais patrimoniais” apresenta-se a trajetória das perspectivas mais tradicionalistas acerca do patrimônio que se refletem nas principais ações políticas e educacionais promovidas pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan), bem como aborda-se o surgimento

de novas perspectivas e novas iniciativas no campo da educação patrimonial e nas iniciativas da referida instituição. Além disso, o capítulo propõe uma análise sucinta sobre a inserção dos patrimônios culturais na Base Nacional Comum Curricular (BNCC) e encerra-se com uma discussão que articula a trajetória de Dila às novas abordagens e perspectivas relacionadas ao patrimônio cultural.

No terceiro capítulo, “Dila e o Patrimônio Cultural: relatos de experiências no Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência” serão apresentados os relatos de experiências no PIBID. Nele é exposta a preparação para a aplicação do plano de curso, os planos de aulas elaborados e a sua aplicação. No final do capítulo apresentam-se as análises e reflexões das aulas após a aplicação do plano de curso na escola UEB Neto Guterres.

As considerações finais apresentarão os resultados alcançados em resposta à pergunta científica lançada e aos objetivos propostos no início da pesquisa. Ademais, também ficam sinalizadas as pretensões para possíveis pesquisas futuras acerca da vida e trajetória artística de Dila e da necessidade de um acervo de maior extensão de suas produções artísticas.

Cabe ressaltar que essa pesquisa atende à exigência da Resolução CNE n. 1 de 2009, que estabelece as Diretrizes Nacionais dos Cursos de Licenciatura em Artes Visuais e determina que o Trabalho de Conclusão de Curso contenham um projeto de curso a ser ministrado (art. 8º). Esse projeto foi incluído ao final do trabalho, como anexo.

Por fim, considerei imprescindível incluir o registro livre de cada uma das aulas, realizados sempre ao término das atividades, compondo um diário da prática docente em todos os seus pormenores. Esse registro serve à documentação e também às diversas possibilidades de análise, que fogem à estrutura acadêmica de uma monografia, mas que revelam as particularidades e sutilezas de uma vivência em sala de aula. Nomeei esses registros como “Anexos Afetivos” e estão incluídos ao final desse trabalho.

1. DA INOCÊNCIA À AUTENTICIDADE: UMA BREVE BIOGRAFIA E TRAJETÓRIA ARTÍSTICA DE DILA

Dileuza Diniz Rodrigues, conhecida popularmente e internacionalmente como “Dila”, nasceu em 1939 em Humberto de Campos, no interior do Estado do Maranhão (G1 Maranhão, 2022). Foi uma artista plástica autodidata e versátil, pintora, escultora e gravadora na técnica de litogravura (BEM, 1994, p. 96).

Dila teve seu primeiro contato com a arte desde a sua infância (Farias, 2018c) e o manteve durante o seu trabalho em um convento, desenvolvido por cinco anos, no qual tinha a função de restaurar peças, pintar objetos e cuidar das flores na comunidade religiosa (BEM, 1994, p. 96). Com sua ida para São Paulo em 1968, inicia sua carreira no mundo da arte (Santos, 2021). Ela aprimora sua técnica de pintura e adquire uma nova habilidade: a litogravura (BEM, 1994, p. 96). Em 1996, a nativa de Humberto de Campos volta para o Maranhão e cria raízes residindo na capital ludovicense (Santos, 2021).

Cabe mencionar que a artista maranhense é reconhecida como uma das principais representantes do estilo artístico *Naïf* no Maranhão (Santos, 2021). O termo “Arte *Naïf*” possui vários sinônimos, embora, inicialmente, possuíam a clara intenção de desmerecer ou desacreditar o artista que a produzia. Segundo Coêlho, no século XVIII houve uma tendência em se relacionar o termo “Primitivo” às artes dos povos originários não brancos, reforçando, assim, um pensamento eurocentrado sobre as variadas civilizações étnicas não europeias e orientais. Estas civilizações foram, ao longo dos séculos, erroneamente taxadas como exóticas, não civilizadas, selvagens, sem valores morais, sem tradições ou crenças próprias (Coêlho, 2019, p. 206-207).

Com a chegada do século XX, a ideia de “primitivismo” associada à arte começou a ter o objetivo de categorizar as produções que estavam “desligadas” dos movimentos contemporâneos vigentes daquela época. Em outras palavras, “primitivos” eram aqueles que fugiam dos padrões estabelecidos pelos cânones clássicos da arte erudita e, conseqüentemente, das academias consolidadas de arte (Coêlho, 2019, p. 207). Dessa maneira, os artistas que se apropriaram do *Naïf* eram interpretados como ingênuos, estúpidos, sem experiência e sem estudos artísticos formais (Toneto, 2018, p.139).

Em uma entrevista gravada para Monica Rodrigues Farias, que integrou sua dissertação de mestrado, a artista revela que sofreu um certo preconceito por ser *Naïf*. Em 1968, quando começou a utilizar a técnica de litogravura, foi duramente criticada, pois naquela época, “primitivo não fazia lito por ser um trabalho sofisticado” (Farias, 2018b).

Todavia, Dila rompe essas barreiras da classificação genérica e pejorativa do “primitivismo” e da “ingenuidade”, pois com o seu estilo, ela cria uma visualidade única. Pode-se parecer simples para olhares limitantes, entretanto, é ricamente detalhada e minuciosa. Além disso, a humbertuense foge à ideia dos séculos passados de que os artistas *Naïf* não possuem ou não aplicam conhecimentos artísticos clássicos em suas composições (Toneto, 2018, p. 139). A própria artista aborda sobre este assunto em um trecho da entrevista para o programa *Faixa Nobre.doc*, provando, assim, que tem conhecimento e domínio técnico para produzir suas obras:

Eu busco, assim, a perfeição dentro do meu trabalho. Você ver que meu trabalho é uma *Naïf*, mas ele tem anatomia, eu presto bem na posição dos braços, pernas, rosto, iluminação, efeitos de luz e sombra. Tudo isso, eu coloco. (TV UFMA, 2022)

A temática de Dila é, praticamente, voltada para a representação do território maranhense. Na mesma entrevista em vídeo para Monica Farias, anteriormente mencionada, a artista declarou que sua temática retrata as “coisas nossas”. Estas referem-se à cultura maranhense, da qual ela mesma faz parte (Farias, 2018a, p. 78).

Assim, em suas obras estão inclusas as manifestações populares, como as Festas do Bumba-meu-boi e a Festa do Divino Espírito Santo (Imagem 1), os eventos históricos do Maranhão e da sua capital São Luís, como a Revolta de Beckman (1684-1685) e a França Equinocial (1612-1615), e também o imaginário regional representando as lendas de Ana Jansen e Dom Sebastião (Imagem 2).

Imagem 1 - Festa do Divino, litografia, 1980



Fonte: MutualArt [S.d.].

Imagem 2 - Obra representando a Lenda de Dom Sebastião



Fonte: Santos, 2021.

Além das manifestações e dos eventos históricos, a artista humbertuense reproduz, também, detalhados cenários da capital maranhense como o Palácio dos

Leões, o Centro Histórico e o Aeroporto Internacional Marechal Hugo da Cunha Machado. Contudo, o plano de suas obras, geralmente, não é vazio, está “vivo”. Logo, nele está presente o povo que o habita: os ribeirinhos, os ludovicenses, os trabalhadores nordestinos como quebradeiras de coco babaçu, feirantes (Imagem 3), agricultores de café, algodão (Imagem 4) e muitos outros.

Imagem 3 - Feira, óleo sobre tela, 1991



Fonte: Junior, 2022.

Imagem 4 - A colheita de algodão, acrílica sobre tela, 2021



Fonte: Colombo, 2021.

Foto: Elizabeth Bezerra.

Além disso, o que fortemente se fazem presentes em suas paisagens são a fauna (guarás, macacos, peixes, araras e animais domésticos) e a flora (palmeiras, coqueiros, cactos, árvores frutíferas e arbustos) pertencentes aos biomas brasileiros, incluindo o maranhense.

Em “*A páscoa das gaivotas: Panorama maranhense contemporâneo das artes plásticas*”, de 1987, o autor Carlos Cunha aborda sobre algumas características presentes no repertório temático da artista:

No amadurecimento da execução, permanece virgem e intacta a emoção que transborda na representação do povo e de seu cotidiano. O trabalho nos campos, a colheita, as festas religiosas e folclóricas, ruas animadas e paisagens, constituem os cenários onde se movimentam seus personagens. E que personagens! Cabeça de olhos enormes e expressivos, pousadas sobre corpos de formas arredondadas, sensuais, transbordado de saúde e de vida, são pequenos deuses-faunos de uma vasta mitologia que Dila, a Fada, aciona como marionetes. (Cunha, 1987, p.46)

Em “*Veredas Estéticas: fragmentos para uma história social das artes visuais no Maranhão*”, de 2008, João Carlos Pimentel Cantanhede, insere Dila no conjunto das produções artísticas maranhenses da década de 1970, período marcado pela criação de núcleos, salões, centros de produção e formação artística e, também, concursos de arte (Cantanhede, 2008, p. 66).

Vale ressaltar que nos anos 70, além de Dila, outros artistas se inserem no contexto artístico regional, como Marlene Barros (1952), Péricles Rocha (1946-2023), Airton Marinho (1952), Francisco de Sousa Ferreira (1958) e Rogério Martins (1956) (Cantanhede, 2008, p. 68-71).

Cunha salienta sobre as exposições individuais e coletivas, tanto no âmbito nacional (Recife, São Paulo, Brasília e etc.) quanto no internacional (Argentina, Bogotá, França, Alemanha, Portugal, Estados Unidos - Califórnia, Nova York e Washington- e entre outros países), em que Dileuza Diniz expôs suas obras durante as décadas de 1970 e 1980 (Cunha, 1987).

Por fim, avançando para tempos mais recentes, do dia 10 ao dia 16 de dezembro de 2021, Dila foi homenageada através de uma exposição: “Mostra Homenagem: Dila”. A mesma ocorreu no Espaço de Artes Márcia Sandes, na sede da Procuradoria Geral de Justiça. Foram expostas ao todo 20 obras, sete litografias

e 13 quadros na técnica óleo sobre tela (Imagem 5).

Imagem 5 - Mostra Homenagem: Dila, Espaço de Artes Márcia Sandes, 2021



Fonte: Ministério Público do Estado do Maranhão, 2022.

Nesse mesmo ano, a artista, juntamente com seu filho, foram resgatados de condições insalubres e de vulnerabilidade pelo Ministério Público do Maranhão (MPMA), após intervenção da 1ª Promotoria de Justiça de Defesa dos Direitos do Idoso de São Luís. Com isso, foram abrigados no Instituto de Longa Permanência para Idosos Solar do Outono. Dila permaneceu no Instituto até seus últimos dias de vida (São Luís, 2021). A artista faleceu no dia 8 de novembro de 2022, aos 83 anos, em São Luís, Maranhão (G1 Maranhão, 2022).

2. DO “CONHECER PARA PRESERVAR” ÀS NOVAS PERSPECTIVAS DE EDUCAÇÃO PATRIMONIAL: DILA E OS BENS CULTURAIS PATRIMONIAIS

Com base nas reflexões do capítulo anterior, pôde-se observar que Dila possui um forte vínculo com a cultura popular e os patrimônios culturais do Estado do Maranhão e de outros estados brasileiros. Dessa forma, a Educação Patrimonial torna-se uma importante aliada ao se pensar em propostas pedagógicas que envolvam a artista.

Neste capítulo busco, inicialmente, traçar um paralelo entre as principais ações políticas e educativas oficiais, principalmente a partir das orientações do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan), com o surgimento das novas perspectivas e iniciativas acerca do fazer pedagógico patrimonial.

Em seguida, realizo uma breve análise das principais formas de como os patrimônios culturais estão inseridos na Base Nacional Comum Curricular (BNCC), dando foco à etapa do Ensino Fundamental, visto que esse documento normativo também serviu como norteador da minha prática e na aplicação do plano de curso desenvolvido nesse nível educacional. Por fim, encerro o capítulo estabelecendo uma ligação entre Dila e novas abordagens e perspectivas sobre os patrimônios.

2.1. Os primeiros anos das ações educativas do Iphan: A Fase Heroica (1937-1967)

Em 1936, o poeta modernista Mário de Andrade (1893-1945), a convite de Gustavo Capanema (1900-1985), ministro da Educação e Saúde na época, formula o pré-projeto que futuramente iria dar origem ao Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Sphan) (Santos, 2018, p. 140). No ano seguinte, é assinado pelo presidente da república, Getúlio Vargas (1882-1954), o Decreto-Lei nº 25, de 30 de novembro, institucionalizando, em parte, o anteprojeto do literário. Cria-se, portanto, o órgão que atualmente denomina-se Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan) (IPHAN, 2021).

Vale frisar que desde o anteprojeto de Andrade até a criação propriamente dita do Iphan, a educação era como uma bússola que guiou as iniciativas e os projetos da instituição. Assim, durante os seus primeiros anos de atuação até 1967, período que ficou conhecido como “fase heroica”, a autarquia concentrou suas

ações educativas na criação de museus e na fomentação de exposições (IPHAN, 2014, p. 5).

Mariza Santos em sua vasta pesquisa apresentada no livro *“O tecido do tempo: o patrimônio cultural no Brasil e a academia Sphan”* (2018), aponta que os primeiros membros e técnicos integrantes do Sphan eram, em sua maioria, intelectuais modernistas da elite brasileira. Além disso, possuíam a concepção de que estavam acima dos demais membros da sociedade (Santos, 2018, p. 180).

Outrossim, esses intelectuais se viam no papel de educadores cuja missão era “conscientizar” a população sobre a importância de valorizar e preservar os bens patrimoniais, bens estes que foram tombados pelos seus próprios critérios (Santos, 2018, p. 180). Dessa maneira, para Simone Scifoni, tratou-se de “uma verdadeira campanha de dever cívico nacional de educar o povo” (FAUUSP, 2021). Desse modo, pode-se perceber um claro exemplo de Violência Simbólica, a imposição de um grupo dominante sobre os outros (Bourdieu, 1989).

Sob essa ótica, embora o povo, para esses modernistas, possuísse a autenticidade brasileira, ele era visto como apenas uma “criança” que precisava de instrução acerca do patrimônio (Santos, 2018, p. 415-416). Segundo Scifoni, no artigo *“Conhecer para preservar: uma ideia fora do tempo”* (2019), é nesse mesmo contexto que surgem os três pilares que sustentam o jargão “conhecer para preservar”: o conhecimento, o apego e a preservação (Scifoni, 2019, p. 18). A autora ressalta:

Este discurso tinha como fundamento a crença de que o conhecimento sobre o patrimônio levaria a um sentimento profundo de apego aos bens culturais, o que, por sua vez, conduziria necessariamente ao impulso, quase instintivo, da preservação. (Scifoni, 2019, p. 18)

2.2. Os avanços e retrocessos para o rompimento do “conhecer para preservar” (1981-1996)

Perceber-se que com a chegada dos anos 80, em meio à transição da Ditadura Militar no Brasil (1964-1985) para a redemocratização, houve momentos conflitantes na trajetória da Educação Patrimonial e das iniciativas educacionais patrimoniais promovidas pelo Iphan. De um lado havia a clara tentativa de se repensar a relação com o patrimônio (com um possível rompimento do jargão “conhecer para preservar”) e do outro havia a implementação do termo propriamente dito “Educação Patrimonial” no país. Entretanto, essa terminologia

veio agregada a uma metodologia retrógrada que tinha como base a educação bancária.

Concentrando-se primeiramente nas tentativas para o rompimento com a educação patrimonial tradicional, o governo federal promoveu o chamado *Projeto Interação entre a Educação Básica e os Diferentes Contextos Culturais Existentes no País* ou apenas *Projeto Interação*. O *Projeto Interação* foi uma política cultural e educativa desenvolvida entre os anos de 1982 e 1986 (Demarchi, 2020).

Vale destacar que este estava contido na linha programática número três do documento “*Diretrizes para operacionalização da política cultural do MEC*”. Os documentos foram apresentados em 31 de agosto de 1981, em um seminário realizado em Brasília (IPHAN, 2014, p. 9).

Entre os participantes do seminário estavam os representantes de todos os órgãos da Secretaria da Cultura do MEC, como, por exemplo, o ainda intitulado SPHAN, SEAC, EMBRAFILME, FUNARTE, INL e entre outros (IPHAN, 2014, p. 9). O *Projeto* buscava promover uma aproximação das escolas de ensino básico com a realidade cultural em que a mesma estava inserida, ou seja, promover uma “interação” entre as mesmas (Demarchi, 2020).

Dessa forma, buscava-se romper com o modelo de ensino tradicional e hegemônico, dando protagonismo e integrando, assim, os saberes locais, as tradições e a produção cultural, da própria comunidade ao derredor dentro do currículo escolar (Demarchi, 2020).

Com isso, tinha como propósito a valorização dos bens de natureza imaterial das comunidades alvos das iniciativas, embora estes só seriam reconhecidos oficialmente dois anos depois do encerramento do *Projeto*, em 1988 pela Constituição Federal Brasileira, no artigo 216:

Constituem patrimônio cultural brasileiro os bens de natureza material e imaterial, tomados individualmente ou em conjunto, portadores de referência à identidade, à ação, à memória dos diferentes grupos formadores da sociedade brasileira. (Brasil, 1988, art. 216)

Em suma, apesar do *Projeto Interação* ter sido revolucionário e a frente do seu tempo, não apresentou continuidade, tendo seu encerramento em 1986.

Antagonizando o *Projeto Interação* e paralelamente a este, em 1983 ocorre o 1º *Seminário sobre o Uso Educacional de Museus e Monumentos*, e através deste

é disseminado no Brasil o termo “Educação Patrimonial”. O evento ocorreu no Museu Imperial, localizado em Petrópolis, no Rio de Janeiro. Naquele contexto, essa terminologia surgiu em forma de “metodologia inspirada no modelo da *heritage education*, desenvolvido na Inglaterra” (IPHAN, 2014, p. 13). Assim, o Iphan passa a adotar a mesma em suas estratégias educacionais. A metodologia era muito próxima ainda do “conhecer para preservar” (Demarchi, 2020, p. 39).

No final dos anos 1990, precisamente em 1996, o Iphan publica o *Guia Básico de Educação Patrimonial*, baseado no viés metodológico e ideológico inglês de 1983, *heritage education* (Demarchi, 2020, p. 34). Com isso, embora os importantes avanços do *Projeto Interação* em anos anteriores, para Scifoni, o documento representou um verdadeiro retrocesso (Scifoni, 2022, p. 3).

Para a autora, nele são expressos claramente os mesmos ideais conservadores presentes desde a criação da instituição nos anos 30: o “conhecer para preservar”. Assim, replica-se o discurso limitante de que a educação é meramente algo a se adquirir (ensino bancário) e não algo a se construir coletivamente (Scifoni, 2022, p. 3 e 10).

Outrossim, no *Guia* é retomado o pensamento de que os bens patrimoniais já estavam bem definidos e que, portanto, já foram ou seriam em breve catalogados e tombados pelo Estado, pelo Iphan. Nisso, Demarchi complementa a perspectiva de Scifoni, citando que volta-se à noção de que os patrimônios são exclusivamente os monumentos ligados à história nacional e aos grandes feitos (Demarchi, 2020, p.34).

Com isso, mais uma vez era pregado que os patrimônios estavam exteriores às comunidades e aos diversos grupos que compõem a sociedade brasileira (Scifoni, 2022, p. 3). Scifoni aponta criticamente que:

Um dos aspectos problemáticos desse material era como ele definia o que deveria ser um dos objetos de ação educativa, o monumento. O guia apresentava de forma bastante limitada a noção de monumento, atrelando-o à visão do patrimônio consagrado em seu sentido mais conservador, ou seja, dado pelo caráter de exemplaridade e pelo atributo estético-estilístico, desvinculado de seu valor afetivo, social e de memória coletiva (Scifoni, 2022, p. 3)

Por fim, com a publicação do guia, as ações educativas em âmbito nacional foram diretamente afetadas, visto que as mesmas passaram a tê-lo como principal

referência. Este foi utilizado em escolas, museus, galerias e em outros centros de propagação cultural e de ensino (Scifoni, 2022, p. 11).

2.3. Subvertendo o “conhecer para preservar”: A Nova Pedagogia do Patrimônio (2006-)

No começo dos anos 2000, mais precisamente desde 2006, novos funcionários públicos ingressam no Iphan. Essa nova equipe começa a questionar o modelo antigo, elaborado pela própria instituição, para o reconhecimento dos bens patrimoniais e para as iniciativas no âmbito educacional. Representa assim, um movimento para a subversão do *Guia Básico de Educação Patrimonial*, inspirado no *Projeto Interação* na década de 80 (Demarchi, 2020, p. 59). Esse conjunto de novas perspectivas e práticas acerca do patrimônio desenvolvidas coletivamente é denominado por Scifoni como a “Nova Pedagogia do Patrimônio” (Scifoni, 2022, p. 3).

Segundo Scifoni, através dessa Nova Pedagogia, houve um abandono do jargão tradicional: “conhecer para preservar”, pois a mesma não carrega consigo a ideia pautada na educação bancária onde o ato de ensinar se resume em levar conhecimento aos educandos sobre os patrimônios previamente tombados pelo Estado. Estas novas perspectivas propõem que a Educação Patrimonial seja um constante diálogo e que proporcione a autonomia dos sujeitos, incentivando-os para que estes participem ativamente na construção do conhecimento acerca da própria história, cultura e memória (Scifoni, 2022, p. 3-5).

A Nova Pedagogia possui três princípios que dialogam diretamente com as correntes de pensamento de Paulo Freire: o Princípio da autonomia dos sujeitos, o Princípio da Dialogicidade e o Princípio da Participação Social. A autora os descreve:

O princípio da autonomia dos sujeitos implica que as práticas educativas estejam voltadas a fomentar nos educandos a capacidade de anunciar e enunciar o que é patrimônio cultural para si próprio, aquele patrimônio que habita o coração dos grupos sociais e a memória coletiva (...). O segundo princípio da nova pedagogia do patrimônio é a dialogicidade. A prática educativa do ensinar-aprender coloca o diálogo como fundamental na valorização e no respeito ao outro, o que pede a escuta e a abertura para aprender com ele (...). O terceiro princípio, o da participação social, fecha a tríade dessa nova pedagogia do patrimônio e, ao mesmo tempo, realiza-a na prática. A participação social significa incorporar na política pública os dois princípios anteriormente apresentados, pois a autonomia

do sujeito e o diálogo somente acontecem, na prática, por meio de uma política participativa (Scifoni, 2022, p. 4-5).

Estes princípios dizem respeito não somente a uma metodologia de ensino que poderia ser adotada pelas escolas do país ou pelas ações educacionais do Iphan, mas também para o estabelecimento de uma nova política patrimonial. Portanto, não há dissociação entre o fazer educativo e o ato político. Sob esse novo viés, Scifoni aponta que houve três importantes marcos:

Em 2014, a publicação do Iphan intitulada *Educação Patrimonial: Histórico, Conceitos e Processos*, que apresentava novos princípios educativos; a portaria do Iphan nº 137/2016, que estabeleceu as diretrizes para a educação patrimonial no país; e a publicação, em 2016, do *Inventário Participativo. Manual de Aplicação*, uma ferramenta para embasar novas ações de identificação estimulando a autonomia dos grupos sociais (Scifoni, 2022, p. 3)

Dessa forma, os marcos foram relevantes dado ao fato que deslocaram a Educação Patrimonial de um lugar de mera campanha de dever cívico nacional para educar o povo (FAUUSP, 2021), para transformá-la em um processo crítico, dialógico e político, fundamental para o início de uma descolonização do patrimônio no território brasileiro (Scifoni, 2022, p. 6-7).

Outrossim, as novas perspectivas do patrimônio tomaram o *Inventário Participativo* como objeto central no fazer educativo. Visto que o mesmo sugere que, prioritariamente, as ações de ensino-aprendizagem “se voltem, em primeiro lugar, para a produção de conhecimento sobre a cultura pelo próprio grupo social”, onde estas ações irão ocorrer. Posteriormente, a partir disso, os bens tombados pelo Estado passam a ser comentados e apresentados nos ambientes educacionais (Scifoni, 2022, p. 8). A autora destaca que:

O inventário subverte, assim, a forma tradicional de ver o patrimônio, trazendo, para o centro do debate sobre história, passado e memória, outras narrativas sobre a cultura e sobre sujeitos sociais subalternos invisibilizados. A identificação de outros patrimônios possíveis, aqueles do cotidiano, constitui-se como uma tática e um recurso que busca mobilizar os grupos sociais em torno de suas trajetórias e vivências, que permitem também problematizar os territórios e as políticas públicas. (Scifoni, 2022, p. 11)

Em suma, o *Inventário* proporcionou a abertura para que um vasto leque de novos patrimônios fossem definitivamente reconhecidos, catalogados e preservados.

2.4. O patrimônio cultural na Base Nacional Comum Curricular (2017-)

Evidentemente, as discussões a respeito do patrimônio cultural no Brasil não se centralizaram somente no Iphan. Elas perpassaram por diversos espaços, um deles foi na instituição e na orientação da Base Nacional Comum Curricular (BNCC) em 2017, com a Resolução CNE/CP Nº 2, de 22 de dezembro (Brasil, 2017). Com isso, a BNCC representa um conjunto de aprendizagens essenciais que todos os alunos do Brasil têm o direito de desenvolver ao longo das modalidades e etapas da Educação Básica (Educação Infantil, Ensino Fundamental e Ensino Médio) (Brasil, 2018).

Assim, na primeira publicação voltada para a Educação Infantil e Ensino Fundamental (baseada na Resolução CNE/CP Nº 2 de 2017), o patrimônio cultural já estava incluído em forma de competência específica da área de Linguagens. Dessa forma, infere-se que desde o início, a BNCC buscou a promoção da Educação Patrimonial no território nacional, como é ressaltado no artigo 14 da Resolução:

Desenvolver o senso estético para reconhecer, fruir e respeitar as diversas manifestações artísticas e culturais, das locais às mundiais, inclusive aquelas pertencentes ao patrimônio cultural da humanidade, bem como participar de práticas diversificadas, individuais e coletivas, da produção artístico-cultural, com respeito à diversidade de saberes, identidades e culturas. (Brasil, 2017)

Em 2018, no dia 14 de dezembro foi homologada a 3ª versão da BNCC, atualmente vigente, incluindo a etapa do Ensino Médio (Alves, 2022). Nessa versão, especificamente na parte destinada à Educação Infantil, são instituídos presente os chamados “campos de experiências”, que:

Constituem um arranjo curricular que acolhe as situações e as experiências concretas da vida cotidiana das crianças e seus saberes, entrelaçando-os aos conhecimentos que fazem parte do patrimônio cultural. (Brasil, 2018)

Percebe-se, assim, que o documento normativo não lê a criança como uma folha em branco, onde o currículo escolar é o responsável em moldá-la. Logo, não

se descartam os diversos contextos em que a criança está inserida e sim os acolhem. Portanto, o currículo deve compreender as diferentes realidades culturais que tange aos estudantes e cabe ao professor, relacionar a bagagem de conhecimento dos alunos com os conceitos e saberes acerca dos bens culturais (Brasil, 2018).

Na terceira edição da BNCC o Ensino Fundamental está dividido em cinco áreas do conhecimento (Linguagens, Matemática, Ciências da Natureza, Ciências Humanas e Ensino Religioso). Na área de Linguagens, apresentam-se alguns exemplos de Unidades Temáticas, Objetos do Conhecimento e Habilidades que se relacionam com o patrimônio cultural (Brasil, 2018). Como está disposto no quadro abaixo:

Quadro 1- O Patrimônio Cultural na BNCC (Ensino Fundamental - área de Linguagens)

COMPONENTES CURRICULARES	UNIDADES TEMÁTICAS	OBJETOS DO CONHECIMENTO	HABILIDADES
Língua Portuguesa	Leitura /escuta (compartilhada e autônoma)	Formação do leitor literário	(EF15LP15) Reconhecer que os textos literários fazem parte do mundo do imaginário e apresentam uma dimensão lúdica, de encantamento, valorizando-os, em sua diversidade cultural, como patrimônio artístico da humanidade.
Educação Física	Brincadeiras e jogos	Brincadeiras e jogos populares do Brasil e do mundo Brincadeiras e jogos de matriz indígena e africana	(EF35EF01) Experimentar e fruir brincadeiras e jogos populares do Brasil e do mundo, incluindo aqueles de matriz indígena e africana, e recriá-los, valorizando a importância desse patrimônio histórico cultural. (EF35EF03) Descrever, por meio de múltiplas linguagens (corporal, oral, escrita, audiovisual), as brincadeiras e os jogos populares do Brasil e de matriz indígena e africana, explicando suas

			características e a importância desse patrimônio histórico cultural na preservação das diferentes culturas.
Artes	Artes Integradas	Patrimônio Cultural	(EF15AR25) Conhecer e valorizar o patrimônio cultural, material e imaterial, de culturas diversas, em especial a brasileira, incluindo-se suas matrizes indígenas, africanas e europeias, de diferentes épocas, favorecendo a construção de vocabulário e repertório relativos às diferentes linguagens artísticas. (EF69AR34) Analisar e valorizar o patrimônio cultural, material e imaterial, de culturas diversas, em especial a brasileira, incluindo suas matrizes indígenas, africanas e europeias, de diferentes épocas, e favorecendo a construção de vocabulário e repertório relativos às diferentes linguagens artísticas.

Com base no Quadro 1, através da habilidade (EF15LP15), os textos literários entendidos e trabalhados na classificação de patrimônio cultural. As habilidades pertencentes tanto ao componente de Educação Física, (EF35EF01) e (EF35EF03), quanto no componente de Arte, (EF15AR25) e (EF69AR34), não reproduzem a ideia hegemônica do “conhecer para preservar” dado ao fato que leva em consideração os patrimônios pertencentes a diferentes grupos que compõem a sociedade brasileira e de diferentes épocas da história (matrizes indígenas, africanas e europeias, de diferentes épocas).

Ademais, os bens patrimoniais também são abordados nas áreas de Ciências Humanas, nos componentes de Geografia e História, e na área de Ciências da Natureza, com o componente de ciências (Brasil, 2018). Assim como

indica o quadro a seguir:

Quadro 2- O Patrimônio Cultural na BNCC (Ensino Fundamental - Áreas de Ciências Humanas e da Natureza)

COMPONENTES CURRICULARES	UNIDADES TEMÁTICAS	OBJETOS DO CONHECIMENTO	HABILIDADES
Geografia	Natureza, ambientes e qualidade de vida	Diferentes tipos de poluição	(EF05GE11) Identificar e descrever problemas ambientais que ocorrem no entorno da escola e da residência (lixões, indústrias poluentes, destruição do patrimônio histórico etc.), propondo soluções (inclusive tecnológicas) para esses problemas.
História	As pessoas e os grupos que compõem a cidade e o município	Os patrimônios históricos e culturais da cidade e/ou do município em que vive	(EF03HI04) Identificar os patrimônios históricos e culturais de sua cidade ou região e discutir as razões culturais, sociais e políticas para que assim sejam considerados. (EF05HI10) Inventariar os patrimônios materiais e imateriais da humanidade e analisar mudanças e permanências desses patrimônios ao longo do tempo.
Ciências	Vida e evolução	Hereditariedade Ideias evolucionistas Preservação da biodiversidade	(EF09CI12) Justificar a importância das unidades de conservação para a preservação da biodiversidade e do patrimônio nacional, considerando os diferentes tipos de unidades (parques, reservas e florestas nacionais), as populações humanas e as atividades a eles relacionados.

Pode-se analisar através do Quadro 2 que a habilidade (EF05GE11) do componente de Geografia tem como objetivo fazer com que o aluno observe o seu próprio redor. Dessa forma, quando a habilidade cita a "*destruição do patrimônio histórico*" como um problema ambiental, ela expande o conceito de meio ambiente.

Assim, a BNCC demonstra que ele não é feito apenas de árvores e rios, mas também do espaço construído e da memória cultural de uma comunidade. Cria-se uma ligação entre os componentes de Geografia e História.

De uma certa forma, a habilidade (EF03HI04) também se relaciona com a habilidade (EF05GE11), ao passo que ambas focam em temáticas relacionadas aos bens patrimoniais pertencentes às realidades dos alunos. A habilidade (EF05HI10) possui um caráter mais relacionável com os bens mundialmente reconhecidos por órgãos como a Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO). No caso do componente de ciências, percebe-se que o patrimônio cultural natural também pode ser desenvolvido através da habilidade (EF09CI12).

Por fim, acrescenta-se a informação de que os patrimônios culturais também se fazem presentes e são trabalhados no Ensino Médio através de uma única habilidade da área de Linguagens e suas tecnologias: a (EM13LGG601). Esta assemelha-se às habilidades (EF15AR25) e (EF69AR34), do componente Arte e a (EF05HI10), do componente de História, trabalhadas no Ensino Fundamental. Visto que a mesma trata-se de:

Apropriar-se do patrimônio artístico de diferentes tempos e lugares, compreendendo a sua diversidade, bem como os processos de legitimação das manifestações artísticas na sociedade, desenvolvendo visão crítica e histórica. (Brasil, 2018)

Dessa forma, a referida habilidade da BNCC, de uma certa forma, associa-se à Nova Pedagogia dos Patrimônios, visto que não se baseia em “levar o conhecimento ao aluno”, mas possui como meta a participação ativa do mesmo na construção do pensamento crítico em relação ao assunto. Portanto, mesmo na última etapa da Educação Básica, a BNCC demonstra uma preocupação em contribuir para o reconhecimento dos bens culturais de naturezas distintas, por parte dos discentes, incentivando a valorização e a preservação do mesmo (Brasil, 2018).

2.5. Dila como um caminho para o reconhecimento e a preservação de bens patrimoniais

Diante da perspectiva tradicionalista adotada pelo Iphan em relação ao patrimônio, pode-se inferir que quando as obras de Dila foram produzidas e

expostas, sobretudo as anteriores ao artigo 216 da Constituição Federal de 1988, eram lidas como apenas elementos culturais populares representados artisticamente. Dessa forma, não era estabelecida nenhuma associação dessas temáticas com bens patrimoniais materiais legalmente tombados pelo Iphan.

Outrossim, pode-se inferir que esta temática amplamente explorada pela artista pôde ser um dos fatores contribuintes para a sua associação com o *Naïf*, ou seja, sua associação com a arte “ingênua”. Dado ao fato que nesse período os bens culturais ilustrados pela artista autodidata não eram vistos como patrimônios.

Em contraponto, na atualidade, ao se deparar com os trabalhos de Dila, com avanços nas perspectivas acerca dos bens, o público que os vê pode reconhecer nestes os patrimônios culturais do território maranhense e até de outras regiões brasileiras.

Vale salientar que as discussões sobre o patrimônio não se findaram com os últimos anos da década de 2010, ou seja, com a publicação dos *Inventários Participativos* pelo Iphan em 2016 ou com a implantação da BNCC em 2018. As mesmas se prorrogam e cada vez mais o patrimônio se reinventa. Dessa maneira, surgem novas perspectivas acerca do assunto aqui discutido ao longo dos subcapítulos anteriores.

Percebe-se, assim, que para haver uma preservação e uma valorização efetiva dos bens, faz-se necessário que os conceitos acerca dos mesmos estejam ao máximo separados de uma leitura tradicional do “conhecer para preservar”. Visto que as perspectivas mais democráticas sobre o assunto estão ancoradas nos próprios conhecimentos construídos coletivamente ao longo de anos pelas comunidades.

Em suma, minha pesquisa busca abrir espaço para a discussão sobre as novas definições de patrimônio, a começar pelo próprio entendimento do termo. Além disso, o estudo procura abordar a existência de patrimônios de diferentes naturezas (material, imaterial e natural), tendo como objetivo aproximar os estudantes desses conceitos e, conseqüentemente, dos artistas locais, como no caso a própria Dila, que possuem temáticas relacionadas e que fazem parte do cotidiano regional dos alunos.

3. DILA E O PATRIMÔNIO CULTURAL: RELATOS DE EXPERIÊNCIAS NO PROGRAMA INSTITUCIONAL DE BOLSAS DE INICIAÇÃO À DOCÊNCIA

3.1. A preparação do curso: Atividades no PIBID

Ingressei no PIBID (Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência) no final de 2024, sob orientação do Prof. Dr. Pablo Petit Sérvio. As primeiras atividades realizadas foram de preparação e nós, bolsistas, só adentramos as escolas da rede pública em 2025, juntamente com a volta às aulas, e assim continuamos até 2026, realizando ações de iniciação à docência. As atividades do programa ocorreram no contraturno, vespertino, das minhas aulas e atividades na Universidade Federal do Maranhão (UFMA). A instituição de ensino onde eu desenvolvi as atividades do PIBID foi a UEB Dr. Neto Guterres, na região do Angelim em São Luís, Maranhão. Elas ocorreram por intermédio da professora supervisora Paula Francinete Barros Bezerra.

Entre os meses de abril e junho de 2026 foram realizadas aulas práticas e teóricas voltadas para ações educativas integradas ao plano de curso da minha pesquisa e ao “Programa Patrimônio nas Escolas”. O programa é uma iniciativa da prefeitura de São Luís em parceria com a Fundação Municipal de Patrimônio Histórico (Fumph) e a Secretaria Municipal de Educação (Semed) (São Luís (MA), 2022) e possui, como objetivo central, a promoção da educação patrimonial nas escolas municipais da rede pública de ensino básico em São Luís. O público alvo das ações do programa é alunos do Ensino Fundamental, 6º ao 9º, e da modalidade Educação de Jovens e Adultos (São Luís (MA), 2022).

A turma onde realizarei as referidas ações supracitadas foi o 6º ano ou, como a própria escola a denomina, 61. A turma é composta por um total de 20 alunos com idades que variam de 10 a 12 anos. Ela é uma turma diversa, incluindo um estudante que faz parte do público-alvo da Educação Especial, possui laudo de TEA (Transtorno do Espectro Autista), e outro que está em processo de investigação diagnóstica para TDAH (Transtorno do Déficit de Atenção com Hiperatividade).

3.2. Plano de curso e planos de aulas

O plano de curso proposto alinhou-se ao objetivo geral da pesquisa: o desenvolvimento de uma prática de ensino de artes visuais a partir do contato com as temáticas das obras da artista plástica maranhense Dila. Além disso, um dos objetivos específicos do mesmo foi o incentivo da introdução de artistas locais, como a Dila, nas aulas de arte do Ensino Básico em São Luís. Ademais, se alinham, de maneira semelhante, ao propósito do programa “Patrimônio nas Escolas”: a promoção da educação patrimonial e, conseqüentemente, a valorização dos bens culturais patrimoniais, especialmente da cidade de São Luís.

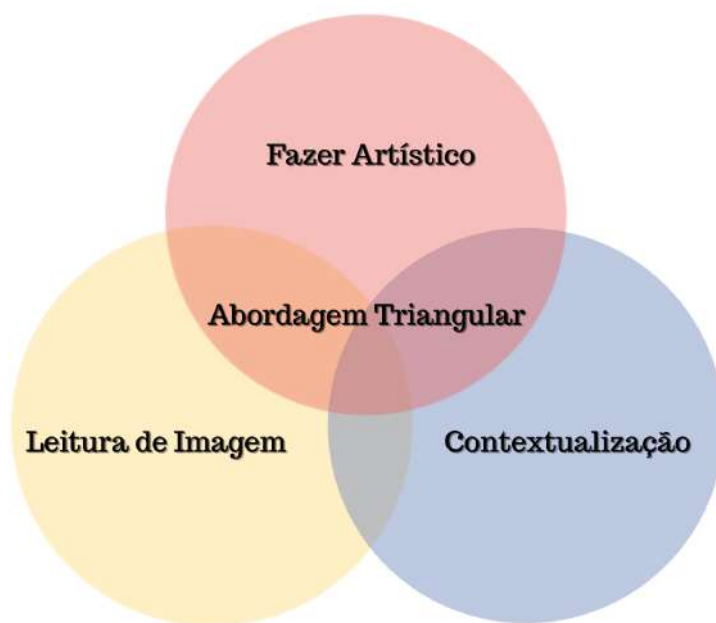
A Abordagem Triangular foi utilizada ao longo de todas as aulas do plano de curso, servindo como uma verdadeira bússola ou um mapa no meu fazer metodológico (Machado, 2010, p.83)¹. Ana Mae Barbosa (1936-) é uma importante arte-educadora e pesquisadora brasileira que foi uma das principais responsáveis em sistematizar a referida abordagem no Brasil (Coelho, 2020, p.8).

A abordagem sustenta-se em três pilares, assim como na Nova Pedagogia do Patrimônio apresentada anteriormente. Pelo fato de Barbosa ter sido aluna do educador e filósofo Paulo Freire (Barbosa, 2019, p. 25), a Abordagem possui um viés crítico em relação à educação e é ferrenhamente contrária à educação bancária (Barbosa, 1998, p. 40). Essa proposta possui uma natureza construtivista, interacionista e dialogal. Com isso, o aluno constrói o conhecimento coletivamente através de conversas e interações com o ambiente de aprendizado, os recursos pedagógicos, os colegas de sala e o professor, cujo papel tem de ser o de mediador (Barbosa, 1998, p. 41).

A Abordagem Triangular fundamenta-se em uma tríade: Contextualização, Leitura de Imagem e Fazer Artístico (Imagem 6).

¹ Vale frisar que, atualmente, Barbosa não utiliza os termos “Metodologia Triangular” ou “Proposta Triangular” para se referir à Abordagem. Ela reitera a razão para o desuso dessas terminologias em uma entrevista: “Metodologia é feita pelo professor e de propostas a escola já está cheia” (Rede Globo, 2012).

Imagem 6 - Abordagem Triangular



Fonte: própria, 2026

Resumidamente, o eixo de Contextualização consiste no processo em que o aluno situa-se em relação ao contexto histórico e cultural em que o artista e a obra se encontram (Rede Globo, 2012). Outro eixo, a Leitura de Imagem, também conhecida como Apreciação ou Leitura de Obra, trata-se de uma participação ativa do aluno ao analisar, a partir do seu próprio repertório imagético (através do seu ponto de vista) uma obra ou um conjunto de obras de arte (Barbosa, 1998, p. 40).

O Fazer Artístico, por fim, refere-se ao momento em que o educando coloca a “mão na massa”, ou seja, é quando este realiza produções de caráter artístico podendo ser escultura, pintura, dança, música, bordado e entre outras (Machado, 2010, p. 79). Vale frisar que, para a própria Ana Mae, um eixo da tríade não tem mais importância do que os outros dois. Desse modo, os três eixos não seguem uma ordem hierárquica específica, onde um processo deve ocorrer primeiramente ou prioritariamente que os outros dois (Barbosa, 1998, p. 39).

Cabe, portanto, ao professor estabelecer, conforme sua própria metodologia, uma ordem para trabalhar os três aspectos ou realizá-los simultaneamente. Machado complementa que os eixos tratam-se de “ações complementares e interconectadas”, portanto, para que a aprendizagem seja efetiva, recomenda-se que as mesmas não ocorram de forma desconectadas

(Machado, 2010, p.78).

As práticas educativas consistiram em um total de sete aulas com temáticas variadas que giraram em torno do universo do patrimônio cultural e nas temáticas das obras de Dila que se relacionam com estes bens, segundo os pressupostos da Abordagem Triangular. Concomitantemente à execução das atividades, as avaliações das aulas foram executadas de forma contínua, considerando a participação ativa do estudante nas discussões e provocações, no seu engajamento na construção do conhecimento e envolvimento nas atividades e nas dinâmicas realizadas em sala. Ademais, minha prática esteve igualmente respaldada pelas competências e habilidades incluídas na Base Nacional Comum Curricular (BNCC).

Para o encerramento, foi proposta uma visita técnica na Universidade Federal do Maranhão (UFMA). Esta teve como finalidade a realização, por parte dos discentes da 61, da leitura visual dos murais de azulejos *Sem Título (2013)* e *Sem Título (2012)* de Dila localizados no campus, respectivamente no Centro de Convenções e no Centro Pedagógico Paulo Freire. Após este momento, os mesmos participaram de uma oficina ministrada por Sofia Pessoa Guimarães, discente do curso de Artes Visuais e vice-diretora da 1ª Liga Acadêmica de Desenho e Pintura (LADP), ligada ao curso de Artes Visuais. A oficina ocorreu na Galeria Acadêmica de Artes Visuais (GAAVI).

Em resumo, as atividades foram dispostas da seguinte maneira e serão detalhadas nos planos de aula a seguir :

Quadro 3- Dados das aulas do plano de curso

DATA DA AULA	TEMÁTICA TRABALHADA	CARGA HORÁRIA APROXIMADA
15/04/2026	Os Patrimônios Pessoais: Introdução à ideia de patrimônio	50 min
29/04/2026	Tipos de Patrimônios Culturais: material, imaterial e natural	50 min
13/05/2026	Introdução à análise da obra de Dila e criação coletiva de títulos das obras	50 min
20/05/2026	Azulejaria Maranhense: História, técnica e os	50 min

	murais de azulejos de Dila na cidade	
27/04/2026	Preparação do painel coletivo de azulejos com papel	50 min
03/06/2026	Preparação do painel coletivo de azulejos com papel	50 min
19/06/2026	As marcas de Dila na UFMA: Visita técnica aos murais da artista local (60 minutos)	2 h
	Oficina da LADP na GAAVI (60 minutos)	
CARGA HORÁRIA TOTAL APROXIMADA: 7 h		

3.2.1. Aula 1: Os patrimônios pessoais: Introdução à ideia de patrimônio

Quadro 4- Aula 1

OBJETIVO GERAL: Compreender o conceito de patrimônio por meio da identificação dos patrimônios pessoais presentes no seu cotidiano.
OBJETIVOS ESPECÍFICOS: • Diferenciar o patrimônio pessoal (do aluno) e patrimônio cultural (de todos/coletivo); • Desenvolver habilidade de comunicação através do diálogo acerca da temática; • Expressar artisticamente através do desenho do seu patrimônio pessoal.
METODOLOGIA/SEQUÊNCIA DIDÁTICA: • Iniciar a aula realizando a pergunta: “Se a sua casa pegasse fogo, o que você salvaria primeiro?”; • Conversar com os alunos e alunas estimulando-os a responder a pergunta; • Relacionar as respostas dos discentes com o conceito de patrimônio (algo de valor e que deve ser preservado); • Criar na lousa um mapa mental organizando os conceitos explorados na conversa contendo as palavras-chave: “Patrimônio Pessoal” (seu) e “Patrimônio Cultural” (Nosso); • Explicar através do mapa mental a diferença dos conceitos; • Aplicar a atividade impressa.
RECURSOS DIDÁTICOS: • Lousa; • Pincel para lousa; • Mapa mental; • Atividade Impressa.

3.2.2. Aula 2: Tipos de patrimônios culturais: material, imaterial e natural

Quadro 5- Aula 2

OBJETIVO GERAL: Identificar os tipos de patrimônios culturais (material, imaterial e natural), especialmente aqueles presentes na cidade de São Luís/MA.
OBJETIVOS ESPECÍFICOS: • Valorizar os bens patrimoniais de diversas natureza, especialmente aqueles presentes na cidade de São Luís/MA; • Desenvolver a tolerância à frustração diante de perdas no jogo.
METODOLOGIA/SEQUÊNCIA DIDÁTICA: • Iniciar a aula lembrando, de forma breve, os conteúdos trabalhados na aula anterior; • Projetar um slide contendo os Tipos de Patrimônios Culturais (material, imaterial e natural), características e exemplos; • Explicar os Tipos de Patrimônios (material, imaterial e natural) e suas características através de exemplos desses tipos de bens espalhados pelo mundo (Parque Nacional do Iguaçu, Bumba meu Boi, Taj Mahal, Centro Histórico de São Luís, Frevo e etc.); • Explicar o termo tombamento; • Dividir a lousa em três colunas e em cada uma delas escrever: “Material”, “Imaterial” e “Natural”; • Explicar as regras do jogo dos Tipos de Patrimônios; • Realizar o jogo dos Tipos de Patrimônios.
RECURSOS DIDÁTICOS: • Projetor multimídia; • Figuras impressas dos bens patrimoniais; • Fita adesiva; • Lousa; • Pincel para lousa.

3.2.3. Aula 3: Introdução à análise da obra de Dila e criação coletiva de títulos das suas produções artísticas

Quadro 6- Aula 3

OBJETIVO GERAL: Conhecer a artista local Dila e suas obras.
OBJETIVOS ESPECÍFICOS: • Relacionar as temáticas e os elementos da obra de Dila com os patrimônios culturais brasileiros (materiais, imateriais e naturais); • Realizar leituras das obras da artista; • Expressar-se criativamente na elaboração do título; • Fortalecer a comunicação e o trabalho em equipe ao criar um título para a obra da artista local ; • Desenvolver a oralidade ao apresentar o título e a justificativa.
METODOLOGIA/SEQUÊNCIA DIDÁTICA: • Iniciar a aula dividindo a turma em quatro grupos; • Instruir os alunos acerca da tarefa (cada grupo deve realizar, inicialmente, uma leitura de um das obras de Dila e, em seguida, criar coletivamente um título para a obra e justificar o título e, por fim, cada grupo deve apresentar para os demais colegas de sala o título e a justificativa); • Distribuir as figuras impressas das obras entre os grupos; • Projetar o slide com as quatro obras analisadas pelos grupos; • Organizar as apresentações dos grupos; • Orientar para que cada grupo vá a frente da sala e apresente a obra, o título e a justificativa; • Projetar a obra de Dila “<i>Sem título</i>”, de 1991; • Realizar as seguintes perguntas: “Vocês acham que essa obra foi feita por um artista homem ou mulher?”, “Quanto animais tem na obra?”, “Em qual local se passa essa cena?”, “O que vocês acham que o homem de chapéu branco está segurando?”, “Na obra está presente um patrimônio material, imaterial ou natural?”; • Conversar com os alunos e alunas estimulando-os a responder as perguntas; • Projetar a obra de Dila “<i>Bumba Meu Boi</i>”, de 2021; • Realizar a seguinte pergunta: “Qual o tipo de patrimônio vocês acham que está presente nessa obra? Material, imaterial ou natural?”; • Conversar com os alunos e alunas estimulando-os a responder a pergunta; • Revelar que o artista por trás das obras é Dila (Dileuza Diniz Rodrigues); • Contextualizar brevemente sobre os dados biográficos da artista (nascimento, falecimento e temáticas principais trabalhadas em suas produções artísticas).
RECURSOS DIDÁTICOS: • Projetor multimídia; • Figuras impressas das quatro obras da artista.

3.2.4. Aula 4: Azulejaria maranhense: História, técnica e os murais de Dila na cidade de São Luís

Quadro 7- Aula 4

OBJETIVO GERAL: Conhecer uma das técnicas utilizadas por Dila: os Azulejos
OBJETIVOS ESPECÍFICOS: • Compreender o que é azulejo, sua origem e chegada no território brasileiro, especialmente maranhense; • Compreender a técnica para a produção dos padrões azulejares; • Entender a relação da cidade de São Luís com os azulejos”; • Entender a relação da matemática nas produções de azulejos (proporção).
METODOLOGIA/SEQUÊNCIA DIDÁTICA: • Iniciar a aula projetando o slide contendo a temática “Azulejo” contendo o conceito de Azulejo, a origem da técnica, a chegada no território brasileiro e, especialmente, maranhense, a função do uso das peças de cerâmica, a técnica e os murais de azulejos de Dila, localizados no Aeroporto Internacional Marechal Cunha Machado em São Luís/MA; • Explicar, através deste, o conceito de Azulejo, a origem da técnica, a chegada no território brasileiro e, especialmente, maranhense, a função do uso das peças de cerâmica, a técnica e os murais de azulejos de Dila, localizados no Aeroporto Internacional Marechal Cunha Machado em São Luís/MA; • Aplicar a atividade impressa onde o aluno cria seu próprio padrão azulejo (malha quadriculada que imita a disposição dos azulejos na parede).
RECURSOS DIDÁTICOS: • Projetor multimídia; • Computador; • Lousa; • Pincel para lousa; • Atividade impressa.

3.2.5. Aulas 5 e 6: preparação do painel coletivo de azulejos com papel

Quadro 8- Aulas 5 e 6

OBJETIVO GERAL: Produzir os quadrados para o painel de azulejos
OBJETIVOS ESPECÍFICOS: • Desenvolver a coordenação motora fina por meio do manuseio de pincéis; • Desenvolver a concentração através da pintura; • Expressar criativamente na elaboração do seu quadrado de “azulejo”.
METODOLOGIA/SEQUÊNCIA DIDÁTICA: • Preparar o ambiente para a produção (fornar as mesas com os plásticos, encher os copos de plástico com água e colocar tinta nos godês); • Dividir os alunos em grupos; • Distribuir os materiais; • Instruir os alunos para a elaboração da produção artística; • Instruir sobre os cuidados com o manuseio dos materiais; • Circular no ambiente para a observação dos alunos no processo do Fazer artístico.
RECURSOS DIDÁTICOS: • Pincéis de pouca espessura; • Tinta guache (azul, vermelha, amarela e etc.); • Quadrados impressos com uma das obras da artista; • Quadrados de papel paraná; • Godê; • Pote/ copo de plástico; • Toalha de papel; • Toalhas de plástico para mesas; • Bandejas de isopor; • Cola para isopor.

3.2.6. Aula 7: As marcas de Dila na UFMA: Visita Técnica aos murais de azulejos da artista local

Quadro 9- Aula 7

OBJETIVO GERAL: Desenvolver a leitura visual através dos painéis da artista localizados na UFMA

OBJETIVOS ESPECÍFICOS:

- Promover o contato direto com uma obra artística em meio físico;
- Reconhecer as diferenças entre a análise de uma imagem da obra e a obra propriamente dita, quando observada em seu local;
- Explicitar as características da pintura em azulejo;
- Permitir aos alunos o acesso ao ambiente da Universidade, seus espaços e locais de circulação.

METODOLOGIA/SEQUÊNCIA DIDÁTICA:

- Conduzir os alunos a se aproximarem do mural de azulejo de Dila, localizado no Centro de Convenções;
- Pedir para que estes fiquem em silêncio e analise todos os aspectos da obra (cores, texturas, formas e etc.);
- Retomar a atenção e perguntar o que os alunos perceberam na obra;
- Conversar com os alunos e alunas estimulando-os a dialogar acerca dos aspectos da obra;
- Contextualizar sobre a obra do Centro de Convenções;
- Conduzir os alunos a se aproximarem do mural de azulejo de Dila, localizado no Centro Pedagógico Paulo Freire;
- Pedir para que estes fiquem em silêncio e analise todos os aspectos da obra (cores, texturas, formas e etc.);
- Retomar a atenção e perguntar o que os alunos perceberam na obra;
- Conversar com os alunos e alunas estimulando-os a dialogar acerca dos aspectos da obra;
- Contextualizar sobre a obra Centro Pedagógico Paulo Freire;
- Conduzir os alunos para a galeria acadêmica para a realização da oficina com a LADP (fazer artístico);

OFICINA LADP:

- Abrir os cavaletes, colar os papéis canson com fita adesiva nos cavaletes e posicionar os gizes em uma mesa (preparação do ambiente);
- Explicar aos alunos sobre a temática da produção artística;
- Instruir sobre a técnica que será utilizada na oficina;
- Circular no ambiente para a observação dos alunos no processo do Fazer

artístico.

RECURSOS DIDÁTICOS:

- | |
|---|
| <ul style="list-style-type: none"> ● Papel Canson; ● Giz pastel oleoso; ● Giz de cera; ● Cavalete; ● Fita adesiva. |
|---|

3.3. Análise das aulas ministradas

Neste subcapítulo descreverei e analisarei, de forma sucinta, as aulas ministradas na UEB Dr. Neto Guterres na turma 61, durante os meses anteriormente referidos. Ademais, apresentarei os resultados positivos das aulas e quais foram os principais desafios enfrentados durante a aplicação do plano de curso. Os relatos mais aprofundados de cada aula foram construídos imediatamente posteriores à sua aplicação, em formato de diário, e estão presentes nos “Anexos Afetivos”, que tratam da experiência direta com a prática docente.

No dia 15 de abril, a temática da aula 1 foi sobre os Patrimônios Pessoais dos alunos. Busquei entender, através do diálogo e, posteriormente, através da escrita, com a realização de uma atividade impressa no final do horário, o que os alunos entendiam sobre a palavra “Patrimônio” e, principalmente, quais eram os seus bens pessoais. Com isso, procurei compreender o que eles preservam e mais valorizam em suas vidas. Na conversa, ouvi sobre bens de naturezas distintas: materiais (celulares, computadores e até mesmo um quadro pendurado na sala da casa de um aluno) e imateriais (a mãe, o pai ou outros familiares).

No decorrer da aula, através de um mapa mental, expliquei, resumidamente, a diferença entre os Patrimônios Pessoais (dos alunos) e os Patrimônios Culturais (de todos). Com a finalidade dos alunos fixarem os conteúdos dialogados, apaguei o mapa mental e coloquei na lousa, em forma de tópicos, a característica do Patrimônio Pessoal e alguns exemplos que os próprios discentes citaram em um primeiro momento da aula.

Na aula 2, ocorrida no dia 29 de abril, a temática que a guiou o trabalho foi os tipos de patrimônios (material, imaterial e natural). No primeiro momento, eu

relembrei os conteúdos abordados na aula anterior, Patrimônio Pessoal e Cultural. Utilizei uma projeção de slide para explicar as características de cada uma dessas classificações dos bens patrimoniais e o termo tombamento.

Na apresentação, utilizei exemplos de patrimônios culturais espalhados ao redor do mundo, como o Taj Mahal, a Tecelagem de palha da Bielorrússia e o Parque Nacional de Sagarmatha. Com a finalidade de trazer o assunto para mais perto do aluno, também citei exemplos brasileiros e maranhenses como o Bumba Meu Boi, o Centro Histórico de São Luís e o Parque Nacional do Iguaçu.

Além disso, relacionei os tipos de patrimônios culturais com os Patrimônios Pessoais abordados na aula anterior. Desse modo, criei a seguinte ligação: celular (material) e familiares (imateriais). Com a finalidade de tornar os conteúdos teóricos apresentados mais relacionáveis com os discentes e de fácil entendimento, realizei o “jogo dos tipos de patrimônios”. O jogo consistiu nos alunos virem até a frente do quadro, escolherem uma das imagens colocadas ao avesso com uma fita grudada dispostas na mesa dos professores e quando observassem a mesma deveriam definir qual categoria de patrimônio a mesma pertencia (material, imaterial ou natural). Caso o participante classifica-se o patrimônio presente na imagem de maneira errada, eu realizaria a correção da mesma.

Por fim, próximo do encerramento do horário, como havia sobrado tempo, criei na lousa um mapa mental com o conteúdo ministrado da aula. Dessa forma, os alunos teriam o registro da aula e que, posteriormente, a professora supervisora Paula Francinete Barros Bezerra usaria como conteúdo para sua atividade de revisão e no simulado que ocorreriam em junho.

A aula 3, ocorrida no dia 13 de maio, teve como temática a análise/leitura das obras de Dila e a criação coletiva de títulos para as mesmas. Desse modo, dividi a turma em quatro grupos e os instruí em relação a atividade que seria desenvolvida. A tarefa consistiu em cada grupo elaborar coletivamente um título para uma das obras de Dila, através da leitura dos elementos que compõem a produção (cenário, os personagens e etc.) feita pelo grupo. Além disso, os grupos deveriam elaborar uma justificativa para o título elegido e apresentá-los para a turma.

Pude analisar através da escrita reflexiva referente à obra, ou seja, através

dos títulos e as justificativas criadas coletivamente, que estes adentraram ao campo do Fazer Artístico, tendo base na perspectiva de Regina Stela Machado. Segundo Machado, o Fazer Artístico ou, como ela o denomina, eixo da produção não se restringe à produção de uma obra artística (pintura, cerâmica, peça de teatro, videoclipe e entre outras), mas também “refere-se à produção de pensamentos sobre arte, quando alguém escreve um texto dando forma a ideias” (Machado, 2010, p. 79). Logo, a escrita torna-se um Fazer Artístico.

Em seguida, à medida que as equipes realizavam suas respectivas apresentações, eu projetava a obra que estes estavam se referindo. Ao final das apresentações eu realizava pequenos comentários, agregando, assim, as mesmas. Em seguida, projetei as obras de Dila “*Sem título*”, de 1991, e “*Bumba Meu Boi*”, de 2021. Instiguei os alunos a analisarem as produções artísticas, através de perguntas sobre os elementos das obras e os tipos de patrimônios presentes nas mesmas. Por fim, encerrando o horário, realizei o processo de contextualização, trazendo dados biográficos da artista (nascimento, falecimento e temáticas principais trabalhadas em suas produções artísticas).

A temática da quarta aula, no dia 20 de maio, foi “Azulejaria Maranhense” e o uso da técnica por Dila. Iniciei a aula projetando um slide e contextualizei acerca dos azulejos: conceito de Azulejo, a origem da técnica, a chegada no território brasileiro (e, especialmente, maranhense), a função do uso das peças de cerâmica, a técnica e os murais de azulejos de Dila, localizados no Aeroporto Internacional Marechal Cunha Machado em São Luís/MA. Por fim, apliquei a atividade impressa onde o aluno deveria criar seu próprio padrão azulejo. A atividade continha uma malha quadriculada que imitava a disposição dos azulejos na parede.

As aulas dos dias 27 de maio e 03 de junho tiveram como objetivo a produção de um mural de azulejos feitos de papel. Com isso, cada aluno receberia um pequeno quadrado de papel que simularia uma peça de azulejo. Este tinha uma parte da obra *Bumba Meu Boi*, de 2021, impressa e sem cor. Os discentes deveriam pintar os quadrados com as cores de sua preferência.

O Fazer Artístico ocorreu fora de sala de aula, no pátio da escola, visto que este continha quatro mesas grandes e um espaço maior em relação à sala do 61. Vale destacar que antes da produção artística ocorrer, preparei o ambiente forrando

as mesas com os plásticos, preparando os copos de plástico com água e colocando a tinta nos godês.

No dia 19 de junho, ocorreu a última aula planejada. Os alunos realizaram uma visita técnica aos murais de azulejos produzidos por Dila, localizados na Universidade Federal do Maranhão (UFMA). O primeiro mural que estes visitaram, “Sem Título, 2013”, pertencia ao Centro de Convenções. Conduzi os alunos a se aproximarem do mural de azulejo de Dila e solicitei que estes ficassem em silêncio e analisassem todos os elementos que compunham a obra (cores, texturas, formas, linhas e etc.).

Em seguida, retomei a atenção e os ouvi atentamente dialogarem acerca desses aspectos da obra. Em seguida, nos direcionamos para o mural do Centro Pedagógico Paulo Freire, onde os alunos realizaram a leitura da obra “Sem título, 2012”, de Dila. Após a visita aos murais, os alunos foram conduzidos até a Galeria Acadêmica de Artes Visuais (GAAVI), localizada no mesmo prédio, com a finalidade de participarem de uma oficina de produção artística.

A oficina, realizada em parceria com a Liga Acadêmica de Desenho e Pintura, teve como escopo a produção de desenhos e pinturas com giz pastel oleoso e giz de cera. O Fazer Artístico teve como temática a vivência maranhense inspiradas nas temáticas empregadas por Dila em suas obras.

Os desafios encontrados ao longo de todas as aulas do plano de curso foram no que tange à manutenção da atenção dos estudantes em alguns momentos durante as mesmas. Dessa forma, enfrentei uma certa dificuldade em manter o foco dos discentes durante algumas discussões, contextualizações, no jogo do patrimônio e em algumas atividades realizadas. Houve, assim, frequentes interrupções no andamento das ações educativas, devido às dispersões causadas por conversas paralelas e brincadeiras entre os alunos.

Essa mesma dispersão esteve presente na visita técnica à UFMA, onde foi complexo garantir a atenção dos estudantes para a análise e a leitura coletiva dos murais. Entretanto, essas distrações durante o passeio são justificadas, tendo em vista a peculiaridade do ambiente onde as obras se localizam: um local com intensa transição de pessoas, além da questão do símbolo que a Cidade Universitária representa: um espaço onde os estudantes do Ensino Fundamental, futuramente, almejam ingressar.

Assim, apesar dos impasses, houve bons resultados alcançados como, por exemplo, o engajamento dos discentes nos diálogos e nas provocações levantadas e na identificação, por parte de alguns, dos tipos de bens patrimoniais (material, imaterial e natural).

Percebe-se que a metodologia das aulas aplicada do plano de curso também se relacionou com a Nova Pedagogia do Patrimônio e, conseqüentemente, com os princípios freirianos. Entretanto, não no sentido dos alunos desenvolverem coletivamente um *Inventário Participativo* ou em um ato político, mas no sentido da adoção dos princípios presentes na nova abordagem durante as ministrações na escola, visto que na sala de aula procurei adotar uma postura não autoritária.

Portanto, nesse ambiente eu não estava no papel de “detentora do conhecimento”, muito pelo contrário, propus que cada aula fosse um contínuo diálogo com os alunos. Dessa forma, os princípios da dialogicidade e autonomia dos sujeitos foram empregados. Ademais, quando os alunos realizaram a visita técnica e entraram em contato com as obras de Dila, fez-se presente o princípio da participação social, visto que os discentes visitaram um local onde futuramente estes esperam ocupar, a universidade pública.

Em síntese, como afirmou Barbosa, “contextualizar é estabelecer relações” (Barbosa, 1998, p.38). Portanto, reitero a citação da arte-educadora e acrescento que os alunos durante as aulas do plano, não só estabeleceram relações com a artista local abordada ou com os conceitos acerca dos patrimônios, exclusivamente através da contextualização, mas de igual modo na Leitura de Obra e no Fazer Artístico ligadas à Dila e aos bens patrimoniais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A justificativa da pesquisa esteve embasada no meu processo de escolarização, onde no mesmo, não se fez presente os artistas locais maranhenses em sala de aula. Isso levou à necessidade de se investigar as possibilidades de inserção dessa temática e desses artistas no âmbito da sala de aula. Desse modo, constata-se que tanto o problema de pesquisa quanto o objetivo geral do estudo foram atendidos, porque efetivamente foi desenvolvida uma prática de ensino de artes visuais a partir da análise das obras da artista plástica maranhense Dila (Dileuza Diniz Rodrigues) para alunos do Ensino Fundamental na cidade de São Luís do Maranhão.

Além disso, o estudo, também, alcançou o objetivo de compreender os benefícios e a importância da introdução de artistas locais, como Dila, no processo de ensino e aprendizagem de artes. Igualmente, atingiu o propósito do programa promovido pela prefeitura de São Luís “Patrimônio nas Escolas”: a promoção da educação patrimonial e, conseqüentemente, a valorização dos bens patrimoniais, especialmente da cidade de São Luís.

Um ponto importante foi considerar a intervenção direta em sala de aula por meio da aplicação do plano de curso voltado à relação entre a obra de Dila e as discussões sobre o patrimônio com uma perspectiva próxima da sua Nova Pedagogia e tendo por base a Abordagem Triangular. Estabeleci que a arte e os bens culturais não estão distantes dos discentes, como algo estrangeiro ou mesmo acessível apenas a outras regiões do país, mas está aqui, em São Luís do Maranhão, o local onde os estudantes residem e convivem.

A pesquisa apresentou algumas dificuldades no que tange a quantidade limitada de materiais bibliográficos acerca de Dileuza Diniz Rodrigues, como suas linhas temáticas, sua vida, obra e seu contexto histórico. Ademais, na ausência de um acervo digital ou físico mais amplo, com qualidade gráfica e com fichas catalográficas bem definidas de seus trabalhos artísticos. Dado ao fato que nem todas as obras e informações biográficas disponíveis digitalmente se encontravam reunidas ou catalogadas em um só local e nem todas apresentavam uma qualidade gráfica, a pesquisa precisou ser mais criteriosa na seleção de imagens das obras usadas nas leituras e nas discussões das aulas do plano de aula aplicado.

Portanto, mostra-se a importância do estudo realizado e abre-se espaço para pesquisas futuras mais aprofundadas acerca da vida da artista e um possível acervo digital ou físico mais completo que abarque a totalidade de suas obras produzidas ao longo de sua vida.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABORDAGEM Triangular: 25 anos de contribuição para o ensino da arte. Rede Globo: Globo Educação, 16 jun. 2012. Disponível em: <https://redeglobo.globo.com/globoeducacao/noticia/2012/06/abordagem-triangular-25-anos-de-contribuicao-para-o-ensino-da-arte.html>. Acesso em: 28 jun. 2026.

ALVES, Maria Michelle Fernandes; OLIVEIRA, Breyner Ricardo de. A trajetória da Base Nacional Comum Curricular (BNCC): análise dos textos oficiais. **Olhar de Professor**, Ponta Grossa, v. 25, p. 1-21, e-20537.063, 2022. Disponível em: <https://revistas2.uepg.br/index.php/olhardeprofessor>. Acesso em: 4 jul. 2026.

BARBOSA, Ana Mae. **A imagem no ensino da arte: anos 1980 e novos tempos**. 1. ed. São Paulo: Perspectiva, 2019.

BARBOSA, Ana Mae. **Tópicos Utópicos**. Belo Horizonte: COM ARTE, 1998.

BEM. Banco do Estado do Maranhão S.A. **Arte do Maranhão 1940-1990**. São Luís, MA, 1994.

BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989.

BRASIL. Ministério da Educação. Conselho Nacional de Educação. Conselho Pleno. **Resolução CNE/CP nº 2, de 22 de dezembro de 2017**. Institui e orienta a implantação da Base Nacional Comum Curricular, a ser respeitada obrigatoriamente ao longo das etapas e respectivas modalidades no âmbito da Educação Básica. Brasília, DF: MEC, 2017. Disponível em: https://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/historico/RESOLUCAOCNE_CP222DEDEZEMBRODE2017.pdf. Acesso em: 4 jul. 2026.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, 2018.

BRASIL. [Constituição (1988)]. **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília, DF: Presidência da República, 1988. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm. Acesso em: 1 jul. 2026.

CANTANHEDE, João Carlos Pimentel. **Veredas estéticas: fragmentos para uma história social das artes visuais no Maranhão**. São Luís: [s.n], 2008.

COÊLHO, Edinaldo Gonçalves. **Rita Loureiro: “primitiva” ou erudita? Proa: Revista de Antropologia e Arte**, Campinas, SP, v. 9, n. 2, p. 203–220, 2019. DOI:

10.20396/proa.v9i2.17566. Disponível em:

https://www.researchgate.net/publication/370036902_Rita_Loureiro_primitiva_ou_erudita. Acesso em: 31 maio. 2026.

COELHO, Elizabet das Mercês. **A Contribuição da Abordagem Triangular para a alfabetização**. 2020. Monografia (Especialização em Ensino de Artes Visuais e Tecnologias Contemporâneas)-Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2020. Disponível em:

<https://repositorio.ufmg.br/bitstream/1843/38271/4/monografia.pdf>. Acesso em: 11 jan 2025.

CUNHA, Carlos. **A páscoa das gaivotas**: panorama maranhense contemporâneo das artes plásticas. São Luís: Edições Mirante, 1987.

DEMARCHI, João Lorandi. **Referências culturais da escola, na escola**:

contribuições do Projeto Interação para a educação patrimonial. 2020. 163 f.

Dissertação (Mestrado em Geografia Humana) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2020. Disponível em:

https://teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8136/tde-13082020-132634/publico/2020_JoaoLorandiDemarchi_VCorr.pdf. Acesso em: 1 jul. 2026.

DEMARCHI, João Lorandi. **Contribuições do Projeto Interação para a abordagem educativa do patrimônio cultural**. CEM – Cultura, Espaço & Memória, Porto, 2020. Disponível em:

<https://ojs.letras.up.pt/index.php/CITCEM/article/view/10479>. Acesso em: 5 jul. 2026.

SÃO LUÍS – Exposição homenageia artista plástica Dila. **Ministério Público do Estado do Maranhão**, 7 dez. 2021. Disponível em:

<https://www.mpma.mp.br/sao-luis-exposicao-homenageia-artista-plastica-dila/>. Acesso em: 6 jul. 2026.

FARIAS, Monica Rodrigues. **@rte.ma**: elaboração de Meio de Ensino e Aprendizagem/MEA para Educação Básica do estado do Maranhão a partir de produções das artes visuais maranhense do século XXI. Dissertação (Mestrado em Artes) – Universidade Federal do Maranhão. São Luís, 2018a.

_____. Dila - Parte 01, 2018b. 1 vídeo (13 min). Publicado pelo canal José Murilo Moraes dos Santos Mura, 2022. Disponível em:

<https://www.youtube.com/watch?v=A4U1D9-1tSA>. Acesso em: 4 jul. 2026.

_____. Dila - Parte 02, 2018c. 1 vídeo (5 min). Publicado pelo canal José Murilo Moraes dos Santos Mura, 2022. Disponível em:

<https://www.youtube.com/watch?v=RQ8bqXL0zk8>. Acesso em: 4 jul. 2026.

INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL (Iphan). **Dia do Patrimônio Cultural relembra a história do Iphan**. Brasília, DF: Ministério da Cultura, 17 ago. 2021. Disponível em:

<https://www.gov.br/iphane/pt-br/assuntos/noticias/dia-do-patrimonio-cultural-relembra-a-historia-do-iphane>. Acesso em: 5 jul. 2026.

FAUUSP. Aula 7 - Educação Patrimonial | Simone Scifoni e Sônia Florêncio | AUH 5865. 1 vídeo (1h 31min), Youtube, 22 de jun. 2021. Disponível em:

<https://www.youtube.com/watch?v=9u0Uqa19rFE&t=1323s>. Acesso em: 22 jun. 2026.

IPHAN (INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL - BRASIL). **Educação Patrimonial: histórico, conceitos e processos**. Brasília: Iphan, 2014.

LIMA, Zelinda Machado de Castro e (org.). **Inventário do Patrimônio Azulejar do Maranhão**. São Luís: Santa Marta, 2012.

MACHADO, R. S. **Sobre mapas e bússolas: apontamentos a respeito da abordagem triangular**. In: BARBOSA, A. M.; CUNHA, F. P. (Org.). **A abordagem triangular no ensino das artes e culturas visuais**. São Paulo: Cortez, 2010.

MORRE aos 83 anos, a artista plástica de renome internacional Dila Rodrigues. **G1 Maranhão**, São Luís, 08 nov. 2022. Disponível em:

<https://g1.globo.com/ma/maranhao/noticia/2022/11/08/morre-aos-83-anos-a-artista-plastica-maranhense-de-renome-internacional-dila-rodrigues.ghtml>. Acesso em: 12 jan. 2025.

PINHEIRO, Vera. A ciência que eu Faço - Dileusa Dinis Rodrigues. Youtube, 2012. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=oi33peWcbMo>. Acesso em: 19 mai. 2026.

SÃO LUÍS (Prefeitura). **Prefeitura lança programa “O Patrimônio nas Escolas”**. Portal da Prefeitura de São Luís, São Luís, 14 set. 2022. Disponível em:

<https://www.saoluis.ma.gov.br/portal/noticias/0/3/1381/prefeitura-lanca-programa-o-patrimonio-nas-escolas>. Acesso em: 4 jul. 2026.

SÃO LUÍS (MA). Secretaria Municipal de Educação. Fundação Municipal de Patrimônio Histórico. **Portaria Conjunta nº 6/2024** - SEMED/FUMPH, de 11 de outubro de 2024. Institui a Equipe de Governança do Programa. Diário Oficial do Município, São Luís, MA, ed. 809/XLIV, 11 out. 2024. Disponível em:

<https://diariooficial.saoluis.ma.gov.br/documento/view/26440/portaria-conjunta-n-62024-semed-e-fumph>. Acesso em: 15 jun. 2026.

SANTOS, Luciano. **ENTREVISTA:** Dila, a virtuose da arte ingênua do Maranhão. Universidade Federal do Maranhão, 01 out. 2021. Disponível em: <https://portalpadrao.ufma.br/site/noticias/entrevista-dila-a-virtuose-da-arte-ingenua-do-maranhao>. Acesso em: 07 jan. 2025.

SANTOS, Mariza Veloso Motta. **O tecido do tempo:** o patrimônio cultural no Brasil e a Academia Sphan: a relação entre modernismo e barroco. Brasília: Editora UnB, 2018.

SCIFONI, Simone. **Conhecer para preservar:** uma ideia fora do tempo. Revista do Centro de Preservação Cultural da USP (Rev. CPC), São Paulo, n. 27 especial, p. 14-31, jan./jul. 2019. Disponível em: https://revistas.usp.br/cpc/pt_BR/article/view/157388. Acesso em: 5 jul. 2026.

SCIFONI, Simone. Patrimônio e educação no Brasil: o que há de novo? **Educação & Sociedade**, Campinas, 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/ES.255310>. Acesso em: 5 jul. 2026.

TONETO, Livia Cristina. Arte Naïf e seus diálogos com a sociedade. In.: LEITE, Edson (org.) CONGRESSO INTERNACIONAL DE ESTÉTICA E HISTÓRIA DA ARTE (11, 2018, São Paulo). Rompendo fronteiras : arte, sociedade, ciência e natureza. **Anais [...]** São Paulo : Museu de Arte Contemporânea da Universidade de São Paulo, 2018. p. 138-146. Disponível em: <https://sites.usp.br/pgeha/ci-eha-11-rompendo-fronteiras-arte-sociedade-ciencia-e-natureza/> Acesso em: 31 maio 2026.

TV UFMA. **DILA | Faixa Nobre.doc #27**, 2022. 1 vídeo (26 min). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=hcHToQKAnml>. Acesso em: 01 jun. 2026.

FONTES DAS IMAGENS

ACERVO Digital DO PALÁCIO DOS LEÕES. **Amazônia**. Autor: Dila. 1985. 1 litografia, color., 57,8 cm x 89,6 cm. São Luís: Curadoria de Bens Culturais do Palácio dos Leões, 2021. Disponível em: <https://acervo.palaciadosleoes.ma.gov.br/9-2/0090-2/>. Acesso em: 2 jul. 2026.

ACERVO DIGITAL DO PALÁCIO DOS LEÕES (Maranhão). **0227:** Sem Título. Autor: Dila. São Luís: Curadoria de Bens Culturais do Palácio dos Leões, 2021. Coleção BEM. Disponível em: <https://acervo.palaciadosleoes.ma.gov.br/9-2/0227-2/>. Acesso em: 2 jul. 2026.

ADRE. **24/02: São Luís a Porto Alegre**. Salvador, Fortaleza, São Luís e conexões,

24 fev. 2014. Disponível em:

<https://blogdoadre02.blogspot.com/2014/04/24022014-sao-luis-porto-alegre.html>.

Acesso em: 2 jul. 2026.

ARAGÃO, Jorge. **Obras de Dila encantam passageiros no Aeroporto de São Luís**. Blog do Jorge Aragão, 27 set. 2024. Disponível em:

<https://blogdojorgearagao.com/2024/09/27/obras-de-dila-encantam-passageiros-no-aeroporto-de-sao-luis/>. Acesso em: 2 jul. 2026.

BIGNON, Nathália. **Bumba Meu Boi do Maranhão é eleito Patrimônio Cultural Imaterial da Humanidade pela Unesco**. PCdoB na Câmara, 11 dez. 2019.

Disponível em:

<https://pcdobnacamara.org.br/2019/12/11/bumba-meu-boi-do-maranhao-e-eleito-patrimonio-cultural-imaterial-da-humanidade-pela-unesco/>. Acesso em: 2 jul. 2026.

BRASÃO de São Luís (Maranhão). In: WIKIPÉDIA: a enciclopédia livre. Flórida: Wikimedia Foundation, 2026. Disponível em:

https://pt.wikipedia.org/wiki/Bras%C3%A3o_de_S%C3%A3o_Lu%C3%ADs_%28Maranh%C3%A3o%29. Acesso em: 5 jul. 2026.

CASTRO, Letícia de Maria Paixão Martins de. **Azulejaria portuguesa na arquitetura civil de São Luís**: dos sítios ao caminho grande e à cidade moderna. Orientadora: Profa. Dra. Ingrid Gomes Braga. 2013. Monografia (Graduação em Arquitetura e Urbanismo) – Centro de Ciências Tecnológicas, Universidade Estadual do Maranhão, São Luís, 2013.

COLOMBO, Francisco. **Mostra Homenagem: Dila**. Centro Cultural do Ministério Público do Maranhão, 2021. Disponível em:

<https://centrocultural.mpma.mp.br/2021/12/09/mostra-homenagem-dila/>. Acesso em: 2 jul. 2026.

DOMINGUES, Joelza Ester. **Executados os líderes da Revolta de Beckman**.

Ensinar História, [s.d.]. Disponível em:

<https://ensinarhistoria.com.br/linha-do-tempo/executados-lideres-revolta-beckman/>.

Acesso em: 2 jul. 2026.

FRANCESCO BUDANO LEILOEIRO OFICIAL. **Dila (Dileusa Dinis Rodrigues) - Coreto - Óleo Sobre Tela - Ass.inf.dir - 1991 - 60x80 cm**: Lote 2. Vargem Grande Paulista, 2023. Disponível em:

<https://www.budanoleiloeiro.com.br/peca.asp?ID=15731507>. Acesso em: 2 jul. 2026.

JUNIOR, FRANCESCO BUDANO. Lote 4- Dila (Dileusa Dinis Rodrigues - Feira - óleo s/ tela - Ass.inf.dir -1991 - Med. 60x 80 cm- Com moldura. Budano Leiloeiro,

2022. Disponível em: <https://www.budanoleiloeiro.com.br/peca.asp?ID=15514526>. Acesso em: 23 jun. 2026.

MINISTÉRIO PÚBLICO DO ESTADO DO MARANHÃO. **PGJ lamenta a morte da artista plástica maranhense Dila**. São Luís, 8 nov. 2022. Disponível em: <https://www.mpma.mp.br/pgj-lamenta-a-morte-da-artista-plastica-maranhense-dila/>. Acesso em: 6 jul. 2026.

MUTUALART. Festa do Divino. [S.d.]. 1 litografia em aquarela, color., 34 x 46 cm. Assinado, 48/50. Por Dila Dileusa Dinis Rodrigues. Disponível em: <https://www.mutualart.com/Artwork/-Festa-do-Divino-/30151332A5590ABA9453D14C4C13789C>. Acesso em: 4 jul. 2026.

ROCHA, Abigail Vale. **Transformações e usos do Patrimônio no Centro Histórico de São Luís (Maranhão)**. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Programa de pós-graduação em Ciências Sociais, Universidade Federal do Maranhão. São Luís, p. 151. 2025.

UNESCO. **Tecelagem de palha na Bielorrússia**: arte, artesanato e habilidades. [s.d.]. Disponível em: <https://ich.unesco.org/en/RL/straw-weaving-in-belarus-art-craft-and-skills-01889>. Acesso em: 2 jul. 2026.

ANEXOS AFETIVOS

No dia 15 de abril, iniciei a aula com a seguinte pergunta: – “Se a casa de vocês pegasse fogo, o que vocês tentariam salvar primeiro?”. Enquanto fazia a pergunta, utilizei uma expressão popular e fiz o gesto de “Bate na madeira”, no caso a “madeira” era a mesa dos professores. Enquanto os alunos pensavam e processavam a pergunta em silêncio, eu expliquei que poderia ser algo ou alguém.

De repente um dos alunos falou: – “Minha mãe”, praticamente todos os alunos responderam que salvariam suas mães e outros disseram: – “Minha mãe e meu pai”. Em seguida, instiguei os alunos com mais uma pergunta: – “você salvariam algum objeto?”, mas como os alunos estavam falando todos ao mesmo tempo, dificultou bastante o andamento da aula. Assim, eu organizei a participação destes e pedi para que cada um falasse por vez, de fileira em fileira, para que todos pudessem ser ouvidos.

Ouvi respostas diversas: – “Salvaria meu pai”; “Salvaria meu celular”; “Salvaria meu gato e minha mãe”; “Salvaria a casa toda” e entre outras. Depois disso, eu expliquei aos alunos que esses bens que eles salvariam poderiam ser considerados patrimônios, no caso, os patrimônios pessoais destes. Fiz mais uma pergunta para saber se estes já haviam ouvido falar nessa palavra “Patrimônio”, alguns disseram que não ouviram e outros sim, mas não sabiam explicar o que esse termo significava.

Criei no quadro um mapa mental que continha a palavra principal “Patrimônio” e embaixo desta puxei duas seta ligando as palavras “Pessoal” e “Cultural”. Em seguida, ao lado da palavra “pessoal”, puxei mais uma seta e escrevi “Seu”, para que os alunos associassem que este tipo de patrimônio se tratava dos bens que estes mais valorizam em suas vidas. Em relação à palavra “Cultural”, eu perguntei o que eles entendiam sobre ela, o seu significado. Apenas um alunos respondeu: – “Cultura”.

Dessa forma, eu expliquei de forma abreviada que o patrimônio cultural se trata de um bem que é de todos, de todos que participam de uma determinada cultura possui esse patrimônio. Deixei claro para os alunos que explorarmos mais esse conceito na próxima aula e que estes deveriam focar nos patrimônios pessoais. Depois disso, apaguei o quadro branco e senti a necessidade de escrever

alguns tópicos para os alunos escreverem em seus cadernos para fixarem o conteúdo acerca do Patrimônio Pessoal (Imagem 7).

Imagem 7 - Anotando os tópicos da aula na lousa

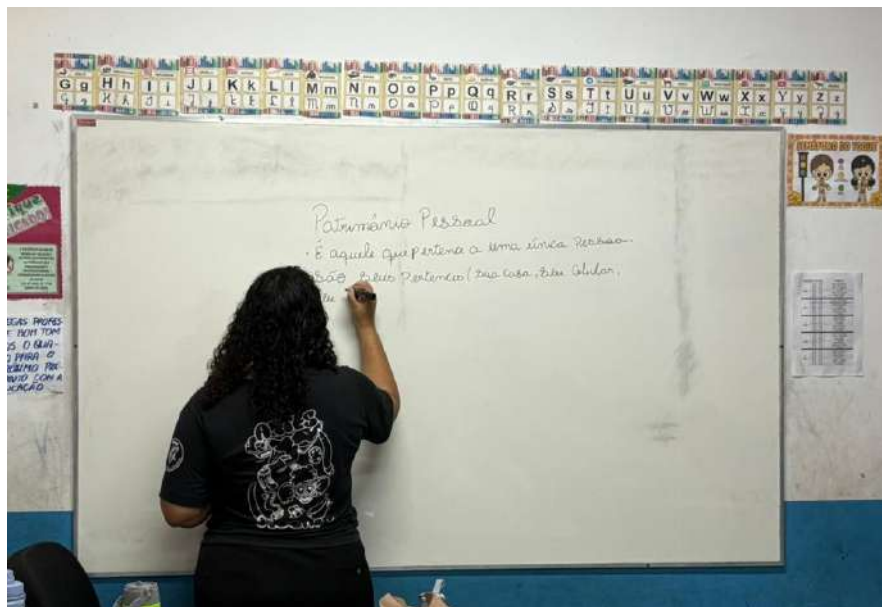


Foto: Viviane Torres de Mendonça, 2026.

Logo após o diálogo e as explicações, eu entreguei aos discentes uma atividade onde continha a mesma pergunta que iniciei a aula e que estes deveriam justificar sua resposta. Além disso, deveriam desenhar o seu patrimônio pessoal. Deixei os alunos livres para realizar a atividade e estes deveriam me entregar no final do horário (Imagem 8 a 11).

Realizei a mesma aula com o segundo sexto ano, nela fiz as mesmas anotações no quadro e apliquei as mesmas atividades. Refiz a pergunta inicial, as respostas não variaram muito da da outra turma, a maioria dos alunos responderam que salvariam seus familiares, seus animais de estimação, seus celulares ou suas casas por completo.

Imagem 8 - Atividade de aluna

1) Se a casa de vocês pegasse fogo, o que você tentaria salvar primeiro? Por quê?

*Minha mãe e meu gato, por que eu amo
muito eles e também, tenho muito carinho por eles*

2) Desenhe aqui seu patrimônio (Algo ou alguém que você mais valoriza em sua vida)



Foto: própria, 2026.

Legenda: Aluna salvaria sua mãe e seu gato.

Imagem 9 - Atividade de aluno

1) Se a casa de vocês pegasse fogo, o que você tentaria salvar primeiro? Por quê?

*Se a minha casa pegasse fogo eu salvaria de
logo que eu salvaria minha família e depois
eu iria tentar salvar os meus pertences*

2) Desenhe aqui seu patrimônio (Algo ou alguém que você mais valoriza em sua vida)

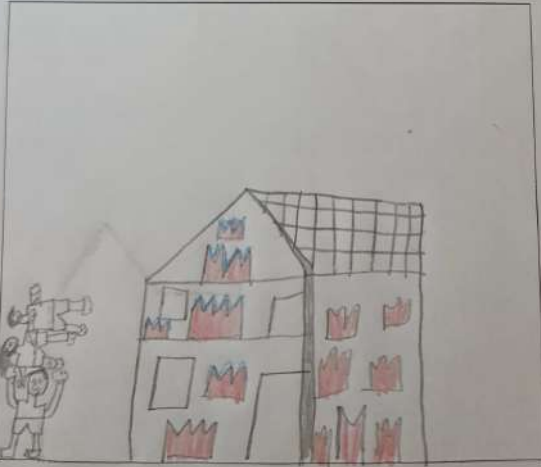


Foto: própria, 2026.

Legenda: O aluno salvaria sua família.

Imagem 10 - Atividade de aluno

1) Se a casa de vocês pegasse fogo, o que você tentaria salvar primeiro? Por que?

meu computador porque ele é muito importante pra mim

2) Desenhe aqui seu patrimônio (Algo ou alguém que você mais valoriza em sua vida)

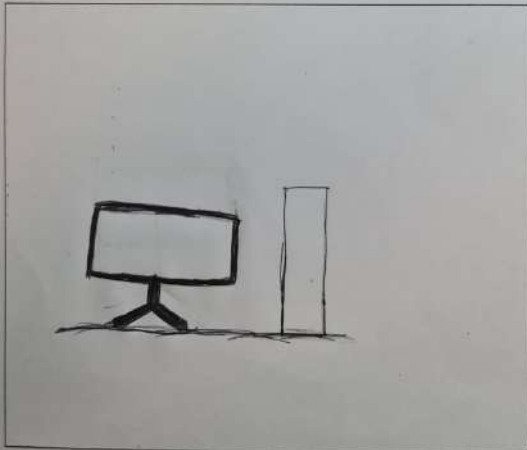


Foto: própria, 2026.

Legenda: O Aluno salvaria seu computador.

Imagem 11 - Atividade de aluno

1) Se a casa de vocês pegasse fogo, o que você tentaria salvar primeiro? Por quê?

o quadro que minha mãe deu pra mim porque ele é muito bonito e eu gosto muito dele

2) Desenhe aqui seu patrimônio (Algo ou alguém que você mais valoriza em sua vida)



Foto: própria, 2026.

Legenda: Aluno com TEA (Transtorno do Espectro Autista), salvaria um quadro que fica pendurado na parede de sua casa.

Na aula do dia 29 de abril, projetei um slide sobre os tipos de patrimônios culturais. Em seguida, relembrei a turma dos conceitos que trabalhamos na aula passada, o patrimônio pessoal, que pertence aos alunos, “Seu” e o patrimônio cultural pertencia a todos, “Nosso”. Em seguida, utilizei o slide para apresentar aos alunos os tipos principais de patrimônios culturais (materiais, imateriais e naturais). Em relação aos patrimônios culturais materiais, eu expliquei aos discentes que estes se tratam daqueles bem tangíveis, ou seja, nós podemos tocar.

Para exemplificar a classificação, usei a mesa dos professores e reforcei que ela pode ser tocada e que podemos colocar itens em cima dela que eles não vão cair. Além disso, usei um exemplo clássico de patrimônio cultural material que é a Torre Eiffel, e falei: – “Se pegarmos um avião e irmos até Paris, nós poderíamos encostar na torre e perceber que ela é de ferro”.

Ademais, falei que existe uma subclassificação dos patrimônios materiais: móveis e imóveis. Os móveis se tratam daqueles que podemos mover, mudar de lugar, eles não estão fixos, eles podem ser livros, obras de arte, vestimentas e etc. Quanto aos imóveis, nós não podemos mudá-los de lugar que podem ser edifícios, sítios arqueológicos. Assim, citei o Parque Nacional da Serra da Capivara, localizado no Piauí e os monumentos.

Em seguida, utilizei o Taj Mahal, palácio localizado na Índia, para exemplificar o grupo dos patrimônios materiais. Depois disso, mudei para a próxima página do slide que continha a foto da Rua Portugal, uma das ruas mais conhecidas do Centro Histórico da Grande Ilha. Eu dei mais foco no Centro Histórico da Ilha, por se tratar de um bem que está mais próximo da realidade dos alunos.

Ademais, perguntei aos alunos se eles sabiam que o Centro Histórico de São Luís no Maranhão é considerado um patrimônio cultural e muitos deles disseram que sabiam. Perguntei também, se os alunos já haviam ido nesta rua e muitos falaram que sim. No slide seguinte, eu expliquei, através de um mapa com as áreas tombadas deste local, que apenas uma parte do centro é considerado patrimônio cultural material imóvel (Imagem 12 e 13).

Nesse mesmo slide, ressalté o termo “Tombamento”, que se trata de um ato do governo para reconhecer que um lugar ou objeto tem muita importância para história ou para cultura. Expliquei que o Centro Histórico da capital maranhense tem importância histórica porque foi o local onde os colonizadores franceses fundaram a cidade, ou seja, onde ela começou (seu marco zero). Através das demarcações do

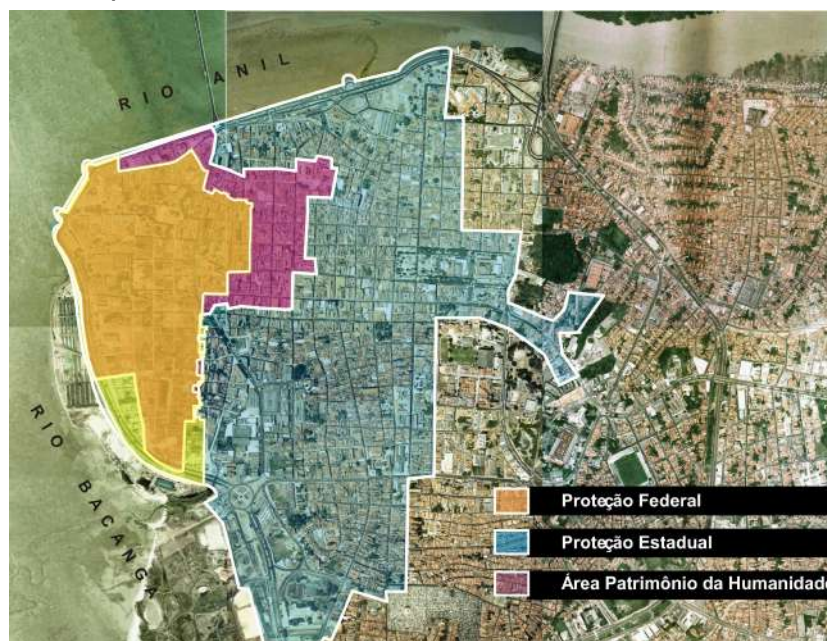
mapa, eu fui instruindo os alunos sobre as áreas tombadas pelo governo federal, governo estadual e pela UNESCO, eu falei: – “É o órgão mundial que cuida dos patrimônios espalhados pelo mundo”.

Imagem 12 - Apresentando as áreas tombadas do patrimônio cultural no Centro Histórico de São Luís, MA



Foto: Viviane Torres de Mendonça, 2026.

Imagem 13 - Mapa das áreas tombadas do Centro Histórico de São Luís, MA



Fonte: Rocha, 2025, p. 17.

Apresentei os patrimônios culturais imateriais como sendo aqueles que são intangíveis, ou seja, não podemos tocá-los. Utilizei o sentimento, no caso o amor, para que os discentes entendessem o conceito de forma mais eficaz. Depois de

explicar este conceito, eu fiz uma ligação dessa aula, sobre tipos de patrimônio, ao conteúdo da aula passada e à pergunta que eu havia feito: “Se a casa de vocês pegasse fogo, o que vocês tentariam salvar primeiro?”.

Dessa forma, eu disse: – “Muitos de vocês, na aula passada, falaram que salvariam o celular, e este seria classificado como um patrimônio material. Entretanto, a família de vocês, por mais que sejam materiais, eles têm conhecimentos, por exemplo, não sei se vocês têm uma avó que sabe bordar. Logo, ela possui conhecimentos que devem ser preservados, devem ser salvos do incêndio”.

Depois disso, eu mostrei aos alunos que os patrimônios imateriais são os saberes, técnicas de se fazer algo. Assim, eu exemplifiquei este conceito com uma comunidade indígena hipotética onde estes possuem uma técnica de tecelagem para produzir uma bolsa de palha. Dessa forma, um grupo ou uma pessoa possui domínio de uma técnica e isso pode ser uma espécie de patrimônio cultural imaterial.

Dando continuidade, eu expliquei que celebrações, festas, formas de expressões, ou seja, jeitos de se falar, dança, música e etc. Assim, a fim de que os alunos se conectassem com o patrimônio imaterial do Maranhão, eu utilizei a festa popular Bumba Meu Boi como exemplo (Imagem 14).

Deixei claro aos alunos que, por mais que a imagem contida no slide tivesse elementos materiais (Imagem 14), como o boi bordado no primeiro plano, as bandeirinhas de São João ao fundo e as pessoas usando vestimentas típicas da festa, desfocadas no fundo, eles deveriam entender que o que é considerado patrimônio imaterial é a festa popular em si, é o evento acontecendo, ou seja, quando as pessoas se deslocam até um local para realizar a celebração. Logo, muitos dos patrimônios imateriais são compostos por itens materiais.

Imagem 14 - Bumba Meu Boi: Patrimônio cultural imaterial



Fonte: Bignon, 2019.

Fiz a mesma coisa com a próxima imagem, que se tratava de uma tecelagem com palha da Bielorrússia (Imagem 15), um país um pouco mais distante da realidade dos estudantes. Expliquei que, por mais que eles estivessem vendo vários itens materiais feitos com palha ao redor da moça presente na fotografia, o que é considerado patrimônio imaterial é o saber, o conhecimento, dessa comunidade nesse local para realizar a produção desses objetos com palha.

Imagem 15 - Tecelagem de palha da Bielorrússia: Patrimônio cultural imaterial



Fonte: UNESCO, [S.d.].

Por fim, eu expliquei a última categoria de patrimônio cultural que é o natural. Estes se tratam daqueles que não são produzidos pelo homem, mas estão

presentes na natureza. Podem ser ser formações físicas, geológicas, biológicas, paisagens, habitats de espécies de animais e vegetais ameaçados de extinção. Ademais, eles possuem um valor estético, por se tratar de um local esteticamente considerado belo, valor de conservação e valor científico, visto que são áreas onde cientistas vão para realizarem pesquisas e estudos em relação ao solo, aos animais, plantas e etc. Utilizei o Parque Nacional do Iguaçu, localizado no Brasil no estado do Paraná, e o Parque Nacional de Sagarmatha, localizado no Nepal e ainda onde está presente o Monte Everest, considerado a montanha mais alta da terra.

Em seguida, realizei com os alunos o jogo “Tipos de patrimônios culturais”. Inicialmente, expliquei o funcionamento do jogo, onde eu dividiria o quadro em três colunas e em cada uma delas eu colocaria as seguintes palavras “material”, “imaterial” e “natural”. Ademais, um aluno por vez deveria vir até a frente, escolher aleatoriamente escolher uma imagem com uma fita colada no seu verso.

Para o jogo, eu havia anotado em um caderno uma lista com os nomes dos patrimônios presentes em cada imagem, para que, conforme os alunos fossem escolhendo as imagens, antes destes colassem no quadro, eu ia falando o nome dos patrimônios presentes nas imagens (Imagem 16). Assim, os discentes deveriam classificar a imagem como sendo um dos três tipos de patrimônios. Assim, depois deste catalogar o tipo de patrimônio, estes deveriam colar a imagem na coluna respectiva desse grupo (Imagem 17).

Dessa maneira, eu faria a correção em relação a sua classificação e em seguida o próximo aluno deveria vir para repetir o jogo até que as 10 figuras fossem posicionadas no quadro (Imagem 18). Por fim, para o encerramento da aula, para que os alunos fixassem e registrassem a aula em seus cadernos, escrevi no quadro um mapa mental contendo o conteúdo já explicado ao longo da aula sobre os tipos de patrimônios culturais: material, imaterial e natural (Imagem 19).

Imagem 16 - Explicação do nome do patrimônio escolhido pelo aluno



Foto: Viviane Torres de Mendonça, 2026.

Imagem 17 - Aluna jogando o jogo “Tipos de patrimônios culturais”



Foto: Viviane Torres de Mendonça, 2026.

Imagem 18 - Jogo finalizado

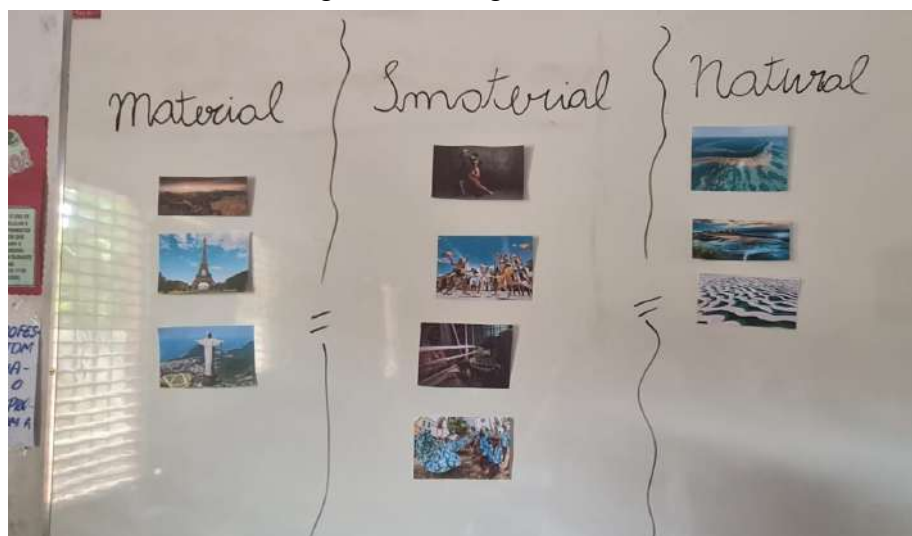


Foto: própria, 2026.

Legenda: Os patrimônios materiais presentes no quadro branco são a Grande Muralha da China, A Torre Eiffel e o Cristo Redentor. Os imateriais são o Tango, o Frevo, a Tecelagem Jamdani e o Tambor de Crioula. Os naturais são a Grande Barreira de Corais, a Ilha Galápagos e os Lençóis Maranhenses.

Imagem 19 - Mapa mental: Tipos de patrimônios culturais

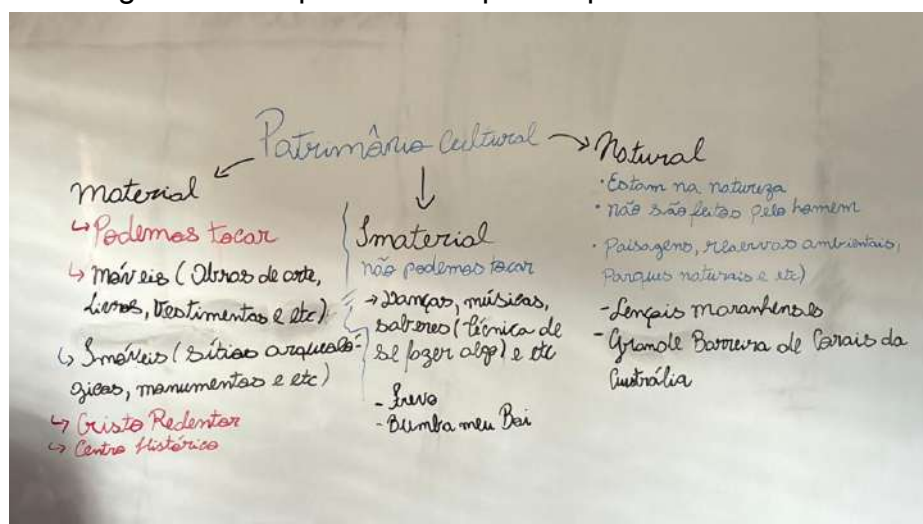


Foto: Viviane Torres de Mendonça, 2026.

Iniciei a aula do dia 13 de maio dividindo a turma em quatro grupos, devido a quantidade de obras. Em seguida, instruí os alunos sobre a tarefa que deveriam realizar durante a aula. Dessa maneira, expliquei que eu iria distribuir para cada grupo uma imagem impressa em folha Chamex A4 das obras da Dila (Imagem 21 a 24).

Ademais, eu reforcei que daria um tempo de treze minutos para que estes fizessem uma análise coletiva da obra, se atentando ao cenário, às pessoas, ou seja, a todos os elementos que compõem a obra, dialogassem, criassem de

maneira conjunta um título para a obra do seu grupo e explicassem o porquê do título escolhido. Além disso, ressaltei que ao menos duas pessoas do grupo deveriam anotar em seus cadernos o título da obra e a explicação da escolha coletiva (Imagem 20).

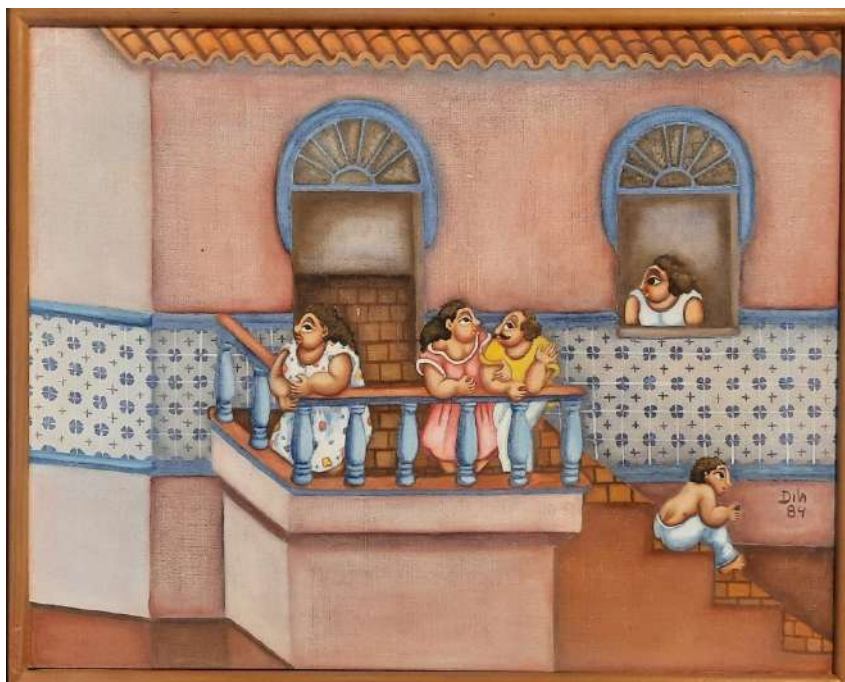
Imagem 20 - Alunos reunidos em grupos para a elaboração dos títulos



Foto: Viviane Torres de Mendonça, 2026.

Antes das apresentações dos títulos, eu projetei um slide que continha todas as quatro obras que foram impressas. Após isto, chamei o grupo para vim até a frente da sala primeiro grupo que apresentou ficou com a obra inicialmente intitulada de “Casarão”, de 1984 (Imagem 21). Eles criaram um novo título: “A família reunida”, a justificativa para a escolha do grupo foi que “eles”, segundo a equipe são os personagens que compõem a obra, estão reunidos em um domingo para comer feijoada. Ademais, vale ressaltar que os alunos associaram o vínculo familiar entre os personagens da obra a partir destes estarem juntos na mesma casa.

Imagem 21 - Casarão, óleo sobre tela, 1984



Fonte: Colombo, 2021.

Legenda: Obra pertencente ao acervo Rodrigo Fioravante.

Foto: Elizabeth Bezerra.

Após isso, o segundo grupo ficou com a obra “*Sem Título*”, de 1996 (Imagem 22). O grupo criou o título: “Bumba meu Boi Matraca do Angelim”. A justificativa deste é por conta das vestimentas, os tambores e os chapéus presentes na obra. Acredito que a equipe denominou por conta de seu próprio repertório cultural e suas vivências pessoais em relação à festa popular de Bumba Meu Boi. Em seguida, o penúltimo grupo ficou com a obra “*Amazônia*”, uma litografia de 1985 (Imagem 23). Eles a intitularam como: “Trabalho em equipe”, segundo eles, cada um na imagem, está realizando um trabalho como pesca e colheita de frutos, como uma equipe.

Imagem 22 - Sem título, óleo sobre tela, 1996



Fonte: Acervo Digital do Palácio dos Leões, 2021.

Imagem 23 - Amazônia, litografia, 1985



Fonte: Acervo Digital do Palácio dos Leões, 2021.

Finalmente, o quarto e último grupo se apresentou (Imagem 25). Estes ficaram com a obra *“Maria Fumaça”*, uma litografia produzida no ano de 1991 (Imagem 24). O título dado pela equipe foi *“Cidade Acolhedora”*, pois as pessoas na obra estavam com uma cara de cansaço e estavam esperando o trem.

Além disso, torna-se imprescindível destacar que em todos os grupos, após suas apresentações, eu os apresentei a ficha técnica das obras incluindo os seus

títulos oficiais, o ano em que foram feitas e a técnica utilizada pela a artista. Em especial, na obra *“Maria Fumaça”*, de 1991 (Imagem 24), eu expliquei que antigamente era comum as pessoas denominarem as locomotivas com esse termo feminino. Ademais, parabeneizei todos os alunos pela criação criativa dos títulos.

Imagem 24 - Maria Fumaça, litografia, 1991



Fonte: Colombo, 2021.

Foto: Elizabeth Bezerra.

Legenda: Obra pertencente ao acervo Eliézer Moreira.

Imagem 25 - Alunos apresentando seu título para a obra de Dila

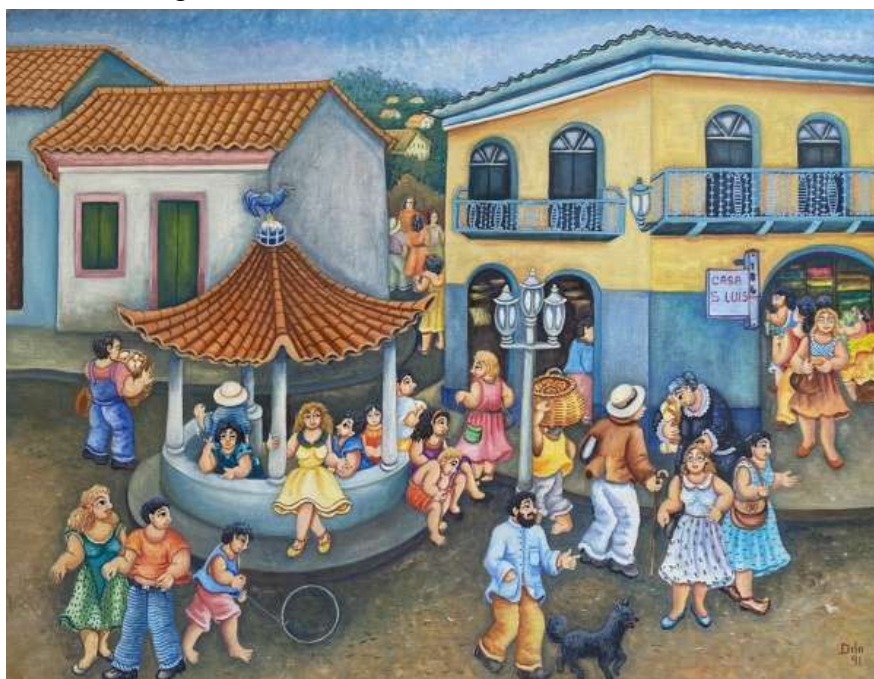


Foto: Viviane Torres de Mendonça, 2026.

Dando continuidade ao seguimento da aula, projetei a obra “*Sem título*”, de 1991 (Imagem 26). Ademais, antes de analisarmos a obra que estava sendo projetada, eu deixei claro que todas estas obras que os alunos analisaram e criaram um título pertenciam ao mesmo artista. Dessa forma, com a finalidade de instigar os discentes, eu fiz a seguinte pergunta: –“Vocês acham que essas obras foram feitas por um artista homem ou mulher?”.

Os alunos falaram de forma conjunta: –“Homem”. Perguntei o que eles conseguiam enxergar na imagem e eles disseram: – “Pessoas, casas e cachorro”. Perguntei quantos animais havia na imagem e eles responderam de forma conjunta que só havia um. Entretanto, falei que havia dois, por conta do galo azul que está em cima do coreto branco.

Imagem 26 - Sem título, óleo sobre tela, 1991



Fonte: Francesco Budano Leiloeiro Oficial, 2023.

Perguntei qual era o local que se passava a cena e alguns alunos falaram no Centro Histórico. Assim, para fazer uma referência com a aula anterior, onde apresentei os tipos de patrimônios culturais e citei a área do Centro Histórico de São Luís que é preservada, eu perguntei aos alunos: –“O Centro Histórico é todo considerado patrimônio ou só uma parte?” e todos responderam que é só uma parte. Ademais, perguntei: –“O que vocês acham que o homem de chapéu branco está segurando?”. Eles responderam: –“Uma bengala”, “Uma *Bíblia*” e “Um livro”.

Por fim, fiz a última pergunta referente a esta obra: –“Na obra está presente um patrimônio material, imaterial ou natural?” e houve respostas variadas: “material”, “imaterial” e “natural”. Assim, eu expliquei que se trata de patrimônio cultural material.

Depois disso, projetei a obra *“Bumba Meu Boi”*, de 2021 (Imagem 27). Perguntei: –“Qual o tipo de patrimônio vocês acham que está presente nessa cena? Material, imaterial ou natural?”. Eles responderam juntos: –“Imaterial”, eu perguntei o porquê deles classificarem como imaterial, assim eles responderam: –“Porque é uma dança” e “Porque é uma festa”.

Imagem 27- Bumba meu boi, acrílica sobre tela, 2021



Fonte: Colombo, 2021.
Foto: Elizabeth Bezerra.

Por fim, encerrando a aula, eu acabei com todo o suspense do “artista misterioso” que produziu todas essas obras. Assim, eu disse: –“Todos erraram, eu sorri, pois é uma artista mulher”. Após isso, passei para o próximo slide que continha a fotografia de Dila. Ademais, havia informações básicas bibliográficas dela como o seu nascimento e o seu falecimento. Além disso, informações sobre suas temáticas principais das suas produções artísticas, como a representação do território maranhense, sua história, sua cultura, suas lendas e seus patrimônios culturais materiais, imateriais e naturais (Imagem 28).

Imagem 28 - Apresentando a artista local aos alunos

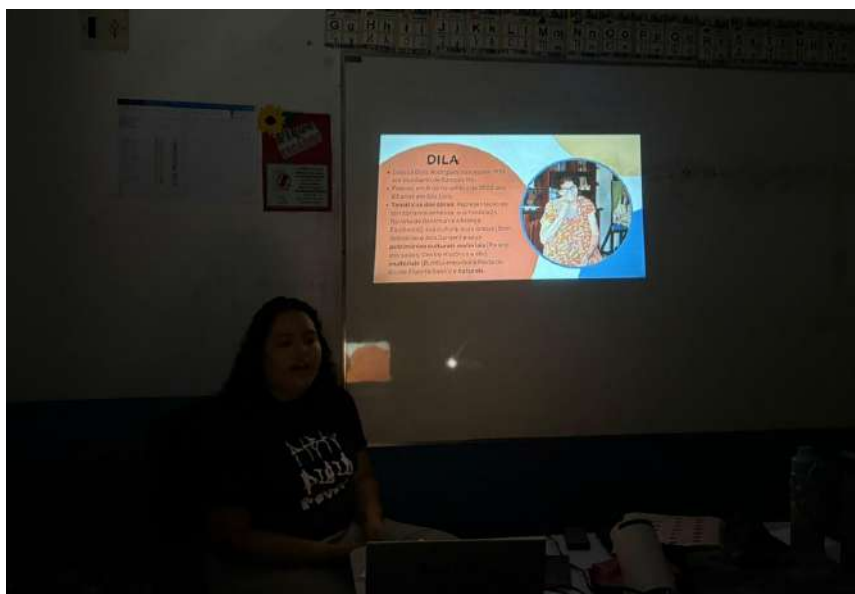


Foto: Viviane Torres de Mendonça, 2026.

No dia 20 de maio, assim como nas aulas anteriores, iniciei a aula projetando um slide que havia preparado. Ele continha o título: “Azulejos”. Realizei a primeira pergunta da aula: –“Vocês sabem o que é azulejo?”. Os alunos responderam ao mesmo tempo, uns disseram: – “É um negócio que se coloca na parede”, “É um piso, tia”, “Ele é quadrado” e “Ele tem no Centro Histórico”. Rapidamente eu disse: –“Sim, tem no Centro Histórico, isso mesmo”.

Depois, uma aluna disse: –“Tem nos casarões lá”. Assim, mais uma vez eu respondi: –“Sim, exatamente”. Ademais, eu reforcei: –“Por conta do Centro Histórico ter esses azulejos, que estão lá há muito...muito tempo que ele foi considerado um patrimônio cultural. Tanto pela sua arquitetura dos casarões, quanto por ter esses azulejos na parede”.

Em seguida, passei para a segunda página do slide que continha o conceito da peça de terracota. Assim, eu falei: –“Vocês já me responderam o que vocês acham o que é azulejo, mas só para reforçar o conceito”. Eu li para os alunos o que havia escrito no slide: –“Os azulejos são peças cerâmicas de pouca espessura, geralmente, quadradas e possui uma das faces vidrada (Esmalte)” (Castro, 2013, p. 23).

Com a finalidade de explicar essa característica esmaltada, eu decidi de última hora levar para a aula um artesanato, mais especificamente, uma bandeja de

madeira que contém azulejos (Imagem 29). Apontei a lanterna do meu aparelho telefônico em direção à peça e ela, por sua vez, refletiu a luz artificial. Dessa forma, eu simulei como seria a luz do sol na face do azulejo, semelhante a o que ocorre no centro Histórico de São Luís.

Imagem 29 - Apresentando o azulejo aos alunos



Foto: Paula Francinete Barros Bezerra, 2026.

Em seguida, introduzir um breve contexto histórico referente ao azulejo, contexto esse, posterior a sua chegada ao Brasil. Assim, li o próximo tópico: –"O azulejo teve sua origem em civilizações orientais antiquíssimas, atribuindo-se sua utilização em construções e monumentos na China, Índia, Mesopotâmia, Egito e etc" (Lima, 2012, p. 27). Por conseguinte, mostrei imagens de dois locais que possuem azulejos policromados: a Mesquita Sheikh Lotfollah, localizada no Irã e a Praça de Espanha, localizada em Sevilha, Espanha. Desmistifiquei assim, o senso comum de que azulejos só são azuis.

Na sequência, expliquei que, para entendermos como os azulejos chegaram às nossas terras, primeiro teríamos que entender a relação dessa peça com os colonizadores portugueses. Assim, falei que a produção de azulejos pelos lusitanos começou no início do século XV. Ressaltei que estes desenvolveram essa técnica azulejaria com objetivo de revestir variadas superfícies internas nas suas edificações como paredes, pavimentos, lareiras, bancos, lagos ou fontes.

Assim, esclareci que a chegada dessas peças de cerâmica chegaram ao Brasil no início do século XVI com as embarcações e que serviam como pesos impedindo que os transportes marítimos não afundassem, agindo de forma semelhante à água de lastro. Ademais, expliquei que a princípio em Portugal não se utilizavam esses quadrados de cerâmica como revestimento externo, ou seja, nas fachadas das construções.

Dessa maneira, os colonizadores adotaram essa tendência arquitetônica à medida que os construtores brasileiros os usavam para cobrir o exterior dos prédios. Ademais, expliquei que os azulejos eram usados nas fachadas das edificações em São Luís e em outras cidades brasileiras por conta do clima quente e úmido, assim, eles auxiliavam na impermeabilização dos casarões.

Ademais, expliquei que ainda no século XVIII, a azulejaria além de possuir a função de proteção das edificações, também serviam como ornamento arquitetônico, ou seja, como painéis decorativos em casas, palácios e igrejas. Estes narravam cenas do cotidiano dos santos católicos, profanos, caçadas, contos de batalhas, a vida na nobreza e entre outras. Além de que também possuíam variados motivos como florais, fauna, barcos e entre outros (Lima, 2012, p. 27).

Terminando a parte da aula sobre contextualização histórica das peças de terracota, foquei na presença e na importância dessa técnica no Maranhão e em São Luís. Assim, esclareci que o estado, não somente na capital, possui um riquíssimo acervo de azulejaria pertencentes aos séculos XVII até meados do século XX vindos de, logicamente, Portugal, mas também outras regiões européias como Inglaterra, França, Holanda e Alemanha. Expliquei que o termo que a cidade onde residimos possui, “São Luís: cidades dos azulejos”. Este se refere ao fato da capital possuir o maior acervo de azulejos coloniais da América Latina (Lima, 2012, p. 28).

Com o intuito de que os discentes entendessem um pouco mais sobre as peças de cerâmicas quadriculadas, expliquei que os padrões e as figuras presentes nelas nada mais são do que um grande “quebra-cabeça”. Em outras palavras, o artista junta diversos quadrados de cerâmica para formar uma imagem ou uma repetição de padrões.

Expliquei essa questão da junção de peças através da imagem de um azulejo do santo católico São José, localizado na Avenida Silva Maia, no Centro de São Luís (Lima, 2012, p. 41). Reforcei que para formar a imagem das figuras

santas, o artista precisou de seis quadrados, cada um com uma parte do corpo diferente, para formar o painel (Imagem 30).

Imagem 30 - Azulejos de São José na Avenida Silva Maia



Fonte: Lima, 2012, p. 41.

Dando continuidade a aula, eu referenciei à artista local maranhense, Dila, já mencionada na aula anterior. Assim, expliquei que além das obras de pintura e gravura que os alunos já tinham analisado, ela também produziu painéis de azulejos que estão espalhados pela cidade de São Luís. Destaquei os dois painéis que estão presentes no Aeroporto Internacional Marechal Cunha Machado, localizado na capital ludovicense. Um retratando um cenário antigo e colonial, intitulado “São Luís Antigo”, de 1997 (Imagem 31) e o outro mais atual, mostrando o aeroporto em si, os aviões, carrinhos de bagagens e os passageiros, “Sem Título”, de 1997 (Imagem 32).

Dei ênfase também na importância da matemática para a produção dessa técnica. Expliquei que a obra possui um tamanho gigante e que para artistas como a Dila criarem esses murais de azulejos, eles precisam trabalhar com as noções

matemáticas como as proporções. Conforme a própria artista esclareceu em uma entrevista:

A pintura em azulejo ele é sempre a reprodução do original. Porque você não pode fazer no azulejo a mão livre um trabalho desse (Dila gesticula com o braço para o painel de azulejos atrás de si, localizado no Centro Pedagógico Paulo Freire- UFMA), você tem que fazer do original pra cá, porque aí tá a ciência de você pintar, fotografar e repassar. Quer dizer, um trabalho de nove centímetros de comprimento eu tiro até 100 metros. Então tem toda uma ciência para você reproduzir essa obra. (Pinheiro, 2012)

Imagem 31 - Mural de azulejos *São Luís Antigo* (1997)



Fonte: Aragão, 2024.

Imagem 32 - Mural de azulejos *Sem Título* (1997)



Fonte: Adre, 2014.

Para o encerramento do horário, apliquei uma atividade que tinha como função ser uma prévia da confecção coletiva de um painel de azulejos que os discentes realizariam na aula seguinte, dia 27 de maio de 2026. A tarefa consistiu

em uma malha quadriculada imitando a disposição de azulejos na parede, como nos casarões da capital maranhense. Dessa forma, os alunos teriam que criar seu próprio padrão de azulejaria (Imagem 33).

Imagem 33 - Aluno criando seu próprio padrão de azulejo

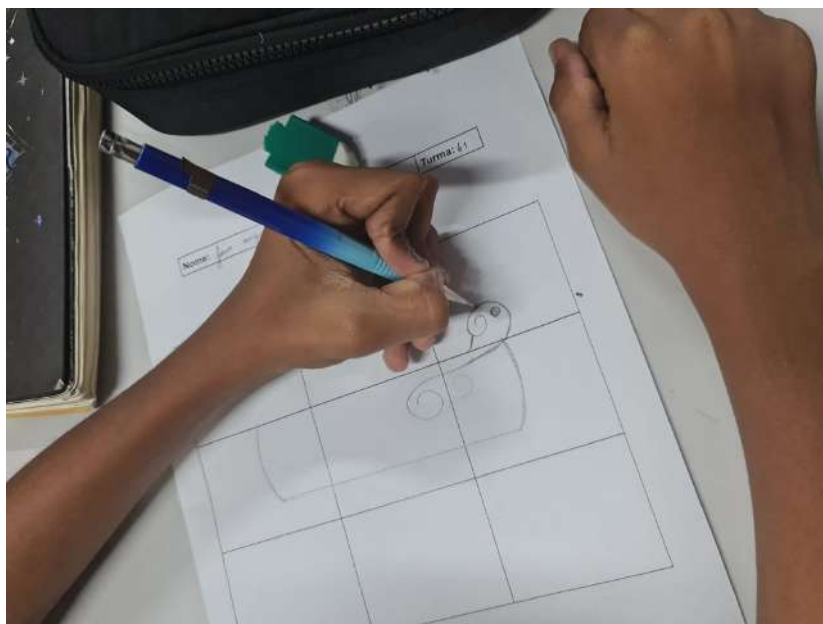


Foto: própria, 2026.

Imagem 34 - Padrão de azulejo elaborado por aluna finalizado

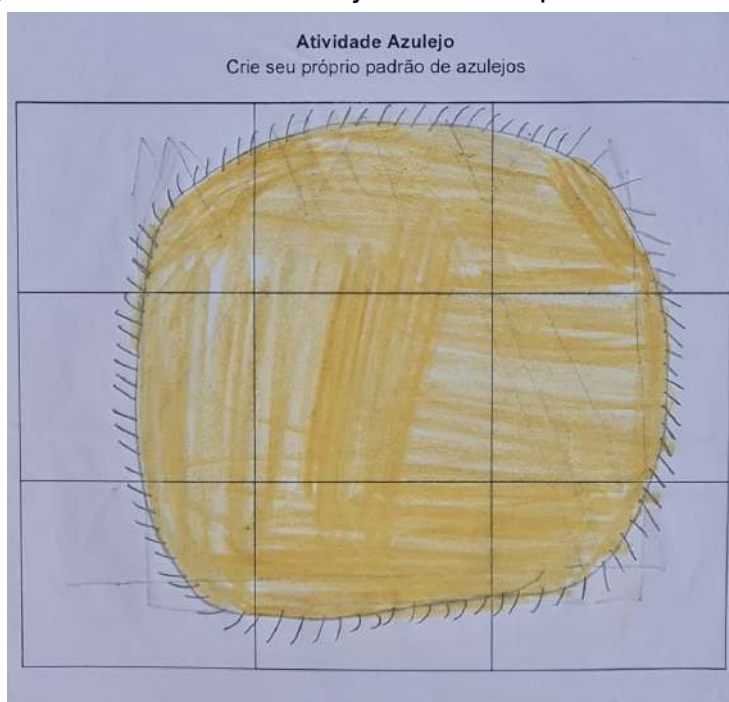


Foto: própria, 2026.

No dia 27 de maio, iniciei o horário de aula encaminhando a turma para sair de forma organizada da sala de aula e os conduzir até as mesas que ficam no pátio da escola. Havia quatro mesas, porém como uma boa tarde da turma faltou, os alunos só utilizaram três mesas. Primeiramente, forrei as mesas com toalhas de plástico, evitando, assim, que elas ficassem sujas ao final da produção artística. Distribuir os materiais necessários para os alunos executarem as suas pinturas.

Coloquei tintas guaches nos godês e em cada mesa coloquei dois copos de plástico com água para que os alunos limpassem seus pincéis. Além disso, disponibilizei um rolo de papel toalha para que os discentes enxergassem seus pincéis após limpá-los na água.

Segundamente, os entreguei um pequeno retângulo de papel Paraná para que eles tivessem uma superfície mais uniforme e resistente para realizar a tarefa. Entreguei, também, para cada aluno um quadradinho que continha uma parte da obra *“Bumba Meu Boi”*, de 2021, sem cor, apenas com o traçado, imitando um livro de colorir (Imagem 35).

Imagem 35 - Obra *“Bumba Meu Boi”*, de 2021



Fonte: própria, 2026.

Escolhi esta obra para a realização do painel dado ao fato dela possuir uma boa qualidade para a impressão gráfica, por ser rica em minuciosos detalhes e para

alinhar com a temática do programa “Patrimônio nas Escolas”. Em seguida, expliquei como eles deveriam realizar a técnica de pintura e os alertei que a quantidade de tinta sobre o papel deveria ser pouca para evitar que o papel rasgasse ou que demorasse muito tempo a sua secagem (Imagem 36 e 37).

Até o final do horário, fiquei circulando pelo espaço de forma atenta e observadora enquanto estes realizavam as suas produções. Perguntei aos alunos se eles sabiam de quem pertencia à obra ilustrada nos quadrados, alguns responderam que “é da Dila”. Tirei dúvidas em relação à técnica, sobre a criação de diferentes tonalidades de cores e misturas para criar novos pigmentos. Ademais, trocava a água dos copos de plástico quando percebia que estes estavam muito sujos. Como já estava previsto, nem todos os alunos conseguiram finalizar sua pintura. Dessa forma, estes finalizaram na aula seguinte.

Imagem 36 - Alunas pintando suas peças de azulejo



Foto: Viviane Torres de Mendonça, 2026.

Imagem 37 - Aluno pintando seu azulejo



Foto: Viviane Torres de Mendonça, 2026.

No dia 03 de junho, guiei os alunos outra vez para as grandes mesas do pátio da escola. Dei, assim, continuidade à aula das pinturas que simulam os azulejos. Novamente, circundei o espaço e ia de mesa em mesa ajudando os alunos à criarem tonalidades e novas cores com tinta guache para suas composições (Imagem 38). Enquanto os alunos iam produzindo suas peças (Imagem 39), eu reforcei com cada uma das três mesas sobre o processo que estes estavam desenvolvendo. Assim, falei que era bem semelhante ao processo real para pintar os quadrados de cerâmica. Entretanto, eu lhes havia dito que os artesãos trabalhavam com outros tipos de materiais e com tintas específicas na produção dos azulejos.

Imagem 38 - Ajudando a aluna na criação das tonalidades das cores



Foto: Viviane Torres de Mendonça, 2026.

Imagem 39 - Aluno pintando seu azulejo



Foto: Viviane Torres de Mendonça, 2026.

Conforme os alunos iam concluindo a pintura da azulejaria, eu ia os deixando bem livres e à vontade para pintarem seus papéis Paraná, os mesmos que estes posteriormente usaram para apoiar os quadrados de papel. Dessa forma, os discentes puderam explorar a técnica da pintura em uma textura e um material diferente da obra da Dila impressa (Imagem 40). Após os alunos realizarem a produção artística, coleí um quadrado feito a partir de bandejas de isopor atrás de cada quadrado pintado, com a finalidade de que o painel completo obtivesse uma

estrutura mais firme para exibição na culminância do programa “Patrimônio nas Escolas” no final de setembro de 2026 (Imagem 41).

Imagem 40 - Alunas pintando seus Papéis Parâns



Foto: Viviane Torres de Mendonça, 2026.

Imagem 41 - Painel coletivo finalizado



Foto: própria, 2026.

No dia 19 de junho, eu e a professora de matemática da UEB Dr. Neto Guterres e os alunos da 61 embarcamos juntos em um micro-ônibus. A professora supervisora Paula Barros iria nos encontrar no local da visita técnica. O veículo partiu da escola até a Universidade Federal do Maranhão (UFMA). Na ida até o

campus, pude ouvir ricas conversas entres os discentes e a professora de matemática. Alguns comentaram que a maioria de seus familiares se formou pela UFMA, outros falaram sobre o desejo de, futuramente, adentrarem à universidade para cursarem uma graduação.

Quando havíamos chegado na universidade, no momento em que o veículo estava estacionado próximo ao Centro de Convenções, eu ouvi alguns alunos olhando pela a janela do mesmo e gritaram: –“Olha, a Dila!”. Eu, enquanto futura arte-educadora, naquele momento, senti uma genuína felicidade, visto que os discentes, antes mesmo de realizarmos a apreciação, reconheceram o estilo único de Dila que havíamos trabalhado durante as aulas anteriores.

Em seguida, após o veículo estacionar, todos nós saímos do mesmo. A professora Paula Barros e a outra docente direcionaram a turma para ficar em frente ao mural. A arte-educadora, antes de eu dialogar com os seus alunos, reforçou e explicou a eles o motivo da nossa visita ao campus (Imagem 42).

Imagem 42 - Professora Paula Barros conversando com seus alunos



Foto: professora UEB Neto Guterres, 2026.

Ao final da fala da professora, eu pedi, prontamente, que os estudantes olhassem para o mural de azulejos (Imagem 43) e analisassem em silêncio todos os

detalhes e aspectos da obra (as cores, as formas, as linhas, as pessoas, os animais, os cenários e entre outros).

Imagem 43 - Mural de Azulejos Centro de Convenções



Foto: própria, 2026.

Entretanto, logicamente, alguns alunos conversavam entre si, outros olhavam para a paisagem em volta do Centro de Convenções e um aluno, em específico, se afastou do mural. Desse modo, tentei conduzi-los da melhor maneira possível. Tentei retomar a atenção à leitura da obra de Dila. As docentes me ajudaram nessa hora, mas alguns alunos estavam bastante dispersos.

Todavia, segui com o andamento da visita técnica e perguntei a eles sobre os elementos que conseguiram analisar no mural durante o curto espaço de tempo (Imagem 44). Alguns responderam: –“Vejo círculos e retângulos”, outros relataram que na obra não havia uma cor que prevalecesse e outros disseram: –“Mulher, cordão, casarões, azulejos (Imagem 45), panela, tambores e caboclos de fita”.

Imagem 44 - Alunos realizando as leituras da obra



Foto: Paula Francinete Barros Bezerra, 2026.

Imagem 45 - Azulejos no casarão



Foto: própria, 2026.

Uma das alunas apontou para a cena que está ocorrendo na igreja. A partir de sua leitura e interpretação, associou que estava ocorrendo um casamento. Eu afirmei: – “Parece um casamento mesmo, mas, na verdade, é a A Festa do Divino Espírito Santo” (Imagem 46).

Imagem 46 - A Festa do Divino Espírito Santo



Foto: própria, 2026.

Em seguida perguntei aos alunos quantas e quais manifestações culturais eles conseguiam ver e eles responderam: – “São três, Tambor de Crioula, Divino Espírito Santo e Bumba Meu Boi”.

Ademais, perguntei a eles quais os tipos de patrimônios que eles conseguiam ver representados na obra e eles falaram: –“material, imaterial e natural”. Em seguida, apontei para uma das palmeiras ilustradas no mural. Perguntei aos alunos: –“Vocês já viram essa palmeira?”, e alguns responderam: – “Eu já, tia”. Perguntei: –“Qual é o tipo dessa palmeira?”, um aluno respondeu: – “Coco babaçu” (Imagem 47). Um outro complementou: –“Tem lá no interior da minha avó” e um deles falou: –“Vi no dia em que fui para Barreirinhas”. Dessa forma, eu expliquei que o coco babaçu é muito comum do Maranhão.

Imagem 47 - Palmeira de coco babaçu no mural de Dila



Foto: própria, 2026.

Em seguida, um dos alunos comentou sobre o relógio presente na fachada da igreja integrada ao segundo plano da obra (Imagem 48). Ele relatou que achou o relógio diferente. Prontamente, perguntei o porquê ele achava isso. O mesmo respondeu que achou os números presentes nele diferentes. Eu falei: –“Sim, são diferentes porque são números romanos, geralmente, eles eram mais utilizados no passado pelas pessoas, mas até hoje ainda se usam eles”.

Imagem 48 - Relógio no mural de Dila



Foto: própria, 2026.

Em seguida, perguntei aos alunos se imaginavam que os murais de azulejos eram tão grandes quanto parecia nos slides, onde eu mostrei os murais presentes no Aeroporto Internacional Marechal Hugo da Cunha Machado. Eles responderam, em conjunto, que não imaginavam. Finalizando as conversas e as análises sobre o mural, perguntei a eles: –“Entenderam a importância da matemática? a importância da proporção?”, responderam: –“Sim!” (Imagem 49).

Imagem 49 - Finalização das leituras do mural do Centro de Convenções



Foto: Professora UEB Dr. Neto Guterres, 2026.

Embarcamos novamente no micro-ônibus e fomos até o Centro Pedagógico Paulo Freire (Imagem 50). Novamente, a arte-educadora posicionou seus alunos em frente ao mural de Dila. Realizei o mesmo processo, pedi para os alunos ficarem em silêncio e realizarem a apreciação. Pedi também que descrevessem, após a leitura, quais eram as diferenças do mural do prédio Paulo Freire.

Imagem 50 - Mural de Azulejos Centro Pedagógico Paulo Freire



Foto: Santos, 2021.

Eles falaram: –“Tem caju (Imagem 51), o mar e bandeiras”. Perguntei sobre as cores que eles conseguiam ver e eles falaram: –“Azul, vermelho, preto, branco e marrom”. Assim eu realizei a mesma pergunta do mural do Centro de Convenções: –“Vocês acham que tem alguma cor que prevalece?”. E as respostas convergiram entre o azul e o verde.

Imagem 51 - Pé de caju no mural de Dila



Foto: própria, 2026.

Perguntei: –“A cena se passa no passado, no futuro ou no presente?”. Eles responderam em conjunto: –“No passado”. Perguntei: –“E o que está acontecendo na cena?”. Alguns alunos me questionaram ao mesmo tempo: –“É uma manifestação?”, “É Dom Pedro I, tia?”, “Alguma festa de religião, tia?”, “Uma colheita?”. Nesse momento fiquei em silêncio ouvindo os. Uma aluna disse: –“Eles tão segurando o moço, acho que vão enforcá-lo”.

Prontamente respondi: –“Então turma, a colega acertou e todos vocês acertaram, pois essa cena se passa no passado. É um contexto aqui do Maranhão, é o enforcamento de Manuel Beckman, vocês já ouviram falar da Revolta de Beckman ou Revolta de Bequimão?”. Um aluno destacou: –“Tia, tá até aqui escrito: a morte”. Um dos alunos perguntou: –“Ele era bom ou ruim?”, eu respondi que dependia do ponto de vista, para uns ele poderia ser bom e para outros não, pois ele foi líder da Revolta (Imagem 52).

Imagem 52 - Contextualizando sobre os elementos da obra



Foto: Paula Francinete Barros Bezerra, 2026.

Em seguida, aponte para o brasão da prefeitura que estava na farda dos alunos (Imagem 53). Eu falei: –“Se vocês perceberem nesse brasão bem aqui de você tem uma data, 1685, o que quer dizer essa data?”, um aluno respondeu: –“Foi a data que ele morreu?” e eu respondi: –“Sim, foi a data que ele foi enforcado, a fitinha é vermelha porquê significa a morte dele”. Um dos alunos complementou: –“Eu pensava que Manuel Beckman era uma escola, pensava que era a data que a escola foi fundada”. Eu respondi que sim, é o nome da escola, mas a data é sobre o enforcamento desse líder.

Imagem 53 - Brasão da prefeitura de São Luís



Fonte: Wikipédia, 2026.

Em seguida, mostrei aos alunos a Imagem 54 em meu aparelho celular e perguntei: –“Vocês já passaram pela Avenida Beira Mar? Já viram essa pirâmide?”. Os alunos responderam de forma conjunta que sim, assim eu disse: –“Nesse local que provavelmente ocorreu essa cena da obra, então quando vocês passarem por lá, lembrem disso”.

Imagem 54 - Alunos realizando as leituras da obra



Fonte: Domingues [s.d.].

Por fim, acrescentei: –“Um detalhe que eu tenho a dizer sobre essa obra é que a Dila fez ela a partir de uma gravura, dessa mesma cena, em um livro que veio lá de Portugal para ela”. Essa informação é pertencente a um trecho da entrevista da artista (Pinheiro, 2012).

Assim complementei: –” Dila não tirou da cabeça dela, ela não foi fazendo: –”vou colocar isso aqui e isso aqui não”, ela viu a gravura e reproduziu aqui (apontei para a parede), por isso a importância da matemática, pois era uma figura muito pequena e ficou maior”. Depois disso perguntei: –”Qual as formas geométricas que vocês veem?”, os alunos responderam: –”Quadrados, retângulos, triângulos e círculos”. Eles iam apontando onde eles viam esses formatos como na roda da carruagem, nos chapéus, nas bandeiras e nos outros elementos.

Perguntei sobre a vegetação que eles conseguiam ver e eles falaram: –”pé de caju, coqueiros e babaçu”. Em seguida, falei: –”Sobre os animais, quais animais vocês veem?” e responderam: –”Araras, macacos, cavalos, bicho preguiça, papagaios, cachorro e flamingos”. Corrigi ao aluno falando que os animais vermelhos ao fundo, próximos à água, não são flamingos, são guarás.

Após os alunos lancharem, eu, juntamente com as duas professoras, encaminhamos os alunos até a GAAVI para realizarem a última etapa da programação: a oficina da LADP. Quando adentramos a galeria, o ambiente já estava preparado para receber os alunos, estava com os cavaletes abertos e com os papéis canson colados e os gizes pastéis oleosos e gizes de cera separados em uma mesa.

Sofia Pessoa Guimarães, vice-diretora da LADP, primeiramente, apresentou-se aos alunos e realizou uma conversa sobre os trabalhos da Dila observados pelos alunos durante o passeio. Em seguida, a mesma os instruiu quanto às produções artísticas que estes iam desenvolver: desenhos e pinturas com a temática vivência maranhense, inspiradas nas obras da Dila (Imagem 55).

Imagem 55 - Sofia Pessoa instruindo os alunos.



Foto: Paula Francinete Barros Bezerra, 2026.

Dessa forma, os mesmos enquanto habitantes do Maranhão, assim como foi Dila, deveriam representar as suas relações e experiências pessoais com as lendas populares do estado ou de São Luís, a culinária, as manifestações culturais e entre outras. Depois das explicações, os alunos deram início ao Fazer Artístico (Imagem 56).

Eu e a vice-diretora circulamos no ambiente, observamos atentamente os alunos desenvolverem suas produções artísticas. Ademais, dialogamos com os mesmos perguntando sobre as escolhas de suas temáticas. Quando os alunos apresentavam alguma dúvida na técnica de giz pastel, interagiam comigo ou com a Sofia Pessoa. Por fim, após a oficina (Imagem 57), eu, a professora de matemática e os alunos entramos no transporte e fomos novamente para a escola para os alunos serem liberados.

Imagem 56 - Alunos realizando a oficina na GAAVI.



Foto: Paula Francinete Barros Bezerra, 2026.

Imagem 57 - Finalização da oficina.



Foto: Professora UEB Dr. Neto Guterres, 2026.

ANEXO 2 - PROJETO DE CURSO

UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO

Fundação instituída nos termos da Lei nº 5.152, de 21/10/1966

CURSO DE LICENCIATURA EM ARTES VISUAIS

PLANO DE CURSO

Exigência da Resolução n.1 de 16 de janeiro de 2009, que normatiza os cursos de Licenciatura em Artes Visuais

TEMA: Ensino de arte e Educação Patrimonial

TÍTULO: Dila e os patrimônios culturais da cidade de São Luís

PERFIL DO ALUNO: Ensino Fundamental II

CARGA HORÁRIA: 12 horas

EMENTA: Estudo da relação entre ensino de Arte e Educação Patrimonial, a partir da produção artística de Dila (Dileuza Diniz Rodrigues). Conceitos de patrimônio cultural material, imaterial e natural, com ênfase nos patrimônios da cidade de São Luís (MA). Leitura, contextualização e interpretação de obras de arte, articulando patrimônio, identidade, memória e cultura local. Desenvolvimento de práticas artísticas por meio de releituras, produções visuais, experimentações com a linguagem dos azulejos e atividades colaborativas. Vivências em espaços de patrimônio cultural por meio de visitas técnicas e elaboração de exposição coletiva como culminância do processo formativo.

OBJETIVO GERAL: Relacionar as temáticas e os elementos da obra de Dila com os patrimônios culturais brasileiros, especialmente o da cidade de São Luís (materiais, imateriais e naturais).

OBJETIVOS ESPECÍFICOS:

- Valorizar e reconhecer os bens culturais patrimoniais, especialmente da cidade de São Luís;
- Investigar as principais temáticas das obras de Dila;
- Reconhecer os tipos de patrimônios culturais (material, imaterial e natural);
- Realizar leituras das obras de Dila;
- Expressar-se criativamente e artisticamente;
- Fortalecer a comunicação e o trabalho em equipe;
- Desenvolver a oralidade ao apresentar o título e a justificativa.

METODOLOGIA: Exposição oral dialogada; discussões; debates; problematizações; pesquisas orientadas; leitura e análise de obras de arte, produções artísticas, releituras visuais e fotográficas, jogos pedagógicos, oficinas de criação e visitas técnicas.

AVALIAÇÃO: Contínua, considerando a participação ativa do estudante nas discussões e provocações, no seu engajamento na construção do conhecimento e envolvimento nas atividades e nas dinâmicas realizadas em sala.

CRONOGRAMA DAS AULAS (12 aulas):

1	Os patrimônios pessoais: Introdução à ideia de patrimônio: • Iniciar a aula realizando a pergunta: “Se a sua casa pegasse fogo, o que você salvaria primeiro?”; • Conversar com os alunos e alunas estimulando-os a responder a pergunta; • Relacionar as respostas dos discentes com o conceito de patrimônio (algo de valor e que deve ser preservado); • Criar na lousa um mapa mental organizando os conceitos explorados na conversa contendo as palavras-chave: “Patrimônio Pessoal” (seu) e “Patrimônio Cultural” (Nosso); • Explicar através do mapa mental a diferença dos conceitos; • Aplicar a atividade impressa. Recursos didáticos: Lousa; Pincel para lousa; Mapa mental; Atividade Impressa.
2	Os tipos de patrimônios culturais (material, imaterial e natural): • Iniciar a aula lembrando, de forma breve, os conteúdos trabalhados na aula anterior; • Projetar um slide contendo os Tipos de Patrimônios Culturais (material, imaterial e natural), características e exemplos; • Explicar os Tipos de Patrimônios (material, imaterial e natural) e suas características através de exemplos desses tipos de bens espalhados pelo mundo (Parque Nacional do Iguaçu, Bumba meu Boi, Taj Mahal, Centro Histórico de São Luís, Frevo e etc.); • Explicar o termo tombamento; • Dividir a lousa em três colunas e em cada uma delas escrever: “Material”, “Imaterial” e “Natural”; • Explicar as regras do jogo dos Tipos de Patrimônios; • Realizar o jogo dos Tipos de Patrimônios. Recursos didáticos: Projetor multimídia; Figuras impressas dos bens patrimoniais; Fita adesiva; Lousa; Pincel para lousa.

3	Introdução à análise da obra de Dila e criação coletiva de títulos das suas produções artísticas: ● Iniciar a aula dividindo a turma em quatro grupos; ● Instruir os alunos acerca da tarefa (cada grupo deve realizar, inicialmente, uma leitura de um das obras de Dila e, em seguida, criar coletivamente um título para a obra e justificar o título e, por fim, cada grupo deve apresentar para os demais colegas de sala o título e a justificativa); ● Distribuir as figuras impressas das obras entre os grupos; ● Projetar o slide com as quatro obras analisadas pelos grupos; ● Organizar as apresentações dos grupos; ● Orientar para que cada grupo vá a frente da sala e apresente a obra, o título e a justificativa; ● Projetar a obra de Dila “<i>Sem título</i>”, de 1991; ● Realizar as seguintes perguntas: “Vocês acham que essa obra foi feita por um artista homem ou mulher?”, “Quantos animais tem na obra?”, “Em qual local se passa essa cena?”, “O que vocês acham que o homem de chapéu branco está segurando?”, “Na obra está presente um patrimônio material, imaterial ou natural?”; ● Conversar com os alunos e alunas estimulando-os a responder as perguntas; ● Projetar a obra de Dila “<i>Bumba Meu Boi</i>”, de 2021; ● Realizar a seguinte pergunta: “Qual o tipo de patrimônio vocês acham que está presente nessa cena? Material, imaterial ou natural?”; ● Conversar com os alunos e alunas estimulando-os a responder a pergunta; ● Revelar que o artista por trás das obras é Dila (Dileuza Diniz Rodrigues); ● Contextualizar brevemente sobre os dados biográficos da artista (nascimento, falecimento e trajetória artística). ● Pedir, como atividade de casa, para os discentes pesquisarem as temáticas de Dila (Lendas, manifestações culturais, paisagens naturais e etc). Recursos didáticos: Projetor multimídia; Figuras impressas das quatro obras da artista.
4	As temáticas das obras de Dila (Pesquisa): ● Iniciar a aula dialogando com os alunos sobre as temáticas pesquisadas e encontradas por eles nas obras de Dila; ● Pedir que os alunos, a partir dessas temáticas, crie um desenho

	contendo as mesmas; ● Pedir para os alunos apresentarem e explicarem seu desenho para a turma; ● Pedir que os alunos se dividam em grupos; ● Instruir os alunos para criarem releituras fotográficas de uma obra de Dila, escolhida coletivamente; ● Instruir que os alunos deverão realizar as releituras fotográficas fora do ambiente escolar (Exemplo: na residência de algum membro do grupo ou em outros lugares externos à escola); ● Instruir os alunos sobre a divisão de tarefas (Exemplo: um aluno opera a câmera do celular ou outro aparelho fotográfico, outro fica responsável pelo figurino que será utilizado e etc.) ● Instruir que a foto deverá ser enviada até a próxima aula no email do docente ou através de um outro contato do mesmo; ● Organizar a ordem de apresentação dos grupos. Recursos didáticos: Folhas de papel chamex e lápis de cor.
5	Releituras fotográficas das obras de Dila: ● Iniciar a aula projetando as releituras fotográficas produzidas pelos grupos, conforme a ordem de apresentação estabelecida na aula anterior; ● Orientar que cada grupo deverá ir a frente da sala e apresente a sua produção fotográfica; ● Realizar feedbacks em relação às releituras fotográficas realizadas pelos grupos. Recursos didáticos: Projetor multimídia. * OBS: O uso do aparelho celular para a realização da atividade ocorrerá fora do ambiente escolar. Portanto, não infringir a lei Lei 15.100/2025.
6	Azulejaria maranhense (História, técnica e os murais de Dila na cidade de São Luís): ● Iniciar a aula projetando o slide contendo a temática “Azulejo” contendo o conceito de Azulejo, a origem da técnica, a chegada no território brasileiro e, especialmente, maranhense, a função do uso das peças de cerâmica; ● Explicar, através deste, o conceito de Azulejo, a origem da técnica, a chegada no território brasileiro e, especialmente, maranhense, a função do uso das peças de cerâmica; ● Mencionar sobre o fato de Dila utilizar o azulejo como técnica; ● Pedir para os alunos criarem seu próprio padrão azulejo (malha

	quadriculada que imita a disposição dos azulejos na parede). Recursos didáticos: Projetor multimídia; Computador; Lousa; Pincel para lousa; Atividade impressa na folha Canson.
7	Quebra-cabeça de azulejos: • Iniciar a aula pedindo que os alunos recortem suas malhas quadriculadas que contém seus padrões de azulejos; • Pedir que os alunos se reúnam em duplas; • Instruir que os alunos tentem juntar as peças das malhas com os padrões de azulejo do colega e vice e versa. Recursos didáticos: Atividade impressa na folha Canson; tesoura.
8	Visita técnica aos murais de azulejo de Dila no Aeroporto Internacional Marechal Cunha Machado em São Luís/MA: • Conduzir os alunos a se aproximarem do mural de azulejo de Dila, <i>São Luís Antigo</i> (1997), localizado no Aeroporto Internacional Marechal Cunha Machado em São Luís/MA; • Pedir para que estes fiquem em silêncio e analise todos os aspectos da obra (cores, texturas, formas e etc.); • Retomar a atenção e perguntar o que os alunos perceberam na obra; • Conversar com os alunos e alunas estimulando-os a dialogar acerca dos aspectos da obra; • Contextualizar sobre a obra <i>São Luís Antigo</i> (1997); • Propor que os alunos para se sentem ao redor da obra <i>São Luís Antigo</i> (1997); • Pedir aos alunos que, utilizando uma prancheta ou caderno como apoio, criem um desenho baseado no fragmento ou aspecto da obra que mais lhes chamou a atenção; • Conduzir os alunos a se aproximarem do mural de azulejo de Dila <i>Sem título</i> (1997), igualmente localizado no Aeroporto Internacional Marechal Cunha Machado em São Luís/MA; • Pedir para que estes fiquem em silêncio e analise todos os aspectos da obra (cores, texturas, formas e etc.); • Retomar a atenção e perguntar o que os alunos perceberam na obra; • Conversar com os alunos e alunas estimulando-os a dialogar acerca dos aspectos da obra; • Contextualizar sobre a obra <i>Sem título</i> (1997); • Pedir que os alunos se sentem ao redor da obra <i>Sem título</i> (1997); • Pedir aos alunos que, utilizando uma prancheta ou caderno como

	apoio, criem um desenho baseado no fragmento ou aspecto da obra que mais lhes chamou a atenção; Recursos didáticos: Lápis de cor, folhas de papel chamex e prancheta ou caderno.
9	Preparação do painel coletivo de azulejos com papel: • Preparar o ambiente para a produção (forrar as mesas com os plásticos, encher os copos de plástico com água e colocar tinta nos godês); • Dividir os alunos em grupos; • Distribuir os materiais; • Instruir os alunos para a elaboração da produção artística; • Instruir sobre os cuidados com o manuseio dos materiais; • Circular no ambiente para a observação dos alunos no processo do Fazer artístico. Recursos didáticos: Pincéis de pouca espessura; Tinta guache (azul, vermelha, amarela e etc.); Quadrados impressos com uma das obras da artista; Quadrados de papel paraná; Godê; Pote/ copo de plástico; Toalha de papel; Toalhas de plástico para mesas; Bandejas de isopor; Cola para isopor.
10	Preparação do painel coletivo de azulejos com papel: • Preparar o ambiente para a produção (forrar as mesas com os plásticos, encher os copos de plástico com água e colocar tinta nos godês); • Dividir os alunos em grupos; • Distribuir os materiais; • Instruir os alunos para finalizarem a produção artística; • Instruir, novamente, sobre os cuidados com o manuseio dos materiais; • Circular no ambiente para a observação dos alunos no processo do Fazer artístico. Recursos didáticos: Pincéis de pouca espessura; Tinta guache (azul, vermelha, amarela e etc.); Quadrados impressos com uma das obras da artista; Quadrados de papel paraná; Godê; Pote/ copo de plástico; Toalha de papel; Toalhas de plástico para mesas; Bandejas de isopor; Cola para isopor.

11	As marcas de Dila na UFMA: Visita Técnica aos murais de azulejos da artista local: • Conduzir os alunos a se aproximarem do mural de azulejo de Dila, localizado no Centro de Convenções; • Pedir para que estes fiquem em silêncio e analise todos os aspectos da obra (cores, texturas, formas e etc.); • Retomar a atenção e perguntar o que os alunos perceberam na obra; • Conversar com os alunos e alunas estimulando-os a dialogar acerca dos aspectos da obra; • Contextualizar sobre a obra do Centro de Convenções; • Conduzir os alunos a se aproximarem do mural de azulejo de Dila, localizado no Centro Pedagógico Paulo Freire; • Pedir para que estes fiquem em silêncio e analise todos os aspectos da obra (cores, texturas, formas e etc.); • Retomar a atenção e perguntar o que os alunos perceberam na obra; • Conversar com os alunos e alunas estimulando-os a dialogar acerca dos aspectos da obra; • Contextualizar sobre a obra Centro Pedagógico Paulo Freire; • Conduzir os alunos para a galeria acadêmica para a realização da oficina com a LADP (fazer artístico); OFICINA LADP: • Abrir os cavaletes, colar os papéis canson com fita adesiva nos cavaletes e posicionar os gizes em uma mesa (preparação do ambiente); • Explicar aos alunos sobre a temática da produção artística; • Instruir sobre a técnica que será utilizada na oficina; • Circular no ambiente para a observação dos alunos no processo do Fazer artístico. Recursos didáticos: Papel Canson; Giz pastel oleoso; Giz de cera; Cavalete; Fita adesiva.
12	Exposição dos trabalhos (Culminância): • Organizar, juntamente com os alunos, a sala de aula para a realização de uma exposição coletiva de todas as produções artísticas realizadas durante o curso; • Convidar toda a comunidade escolar para participar do evento e prestigiar os trabalhos dos discentes. Recursos didáticos: Suportes para expor as obras, como estandarte,, fita adesiva e os demais materiais necessários para se compor a expografia.

REFERÊNCIAS:

Bibliografia básica

BARBOSA, Ana Mae. **A imagem no ensino da arte: anos 1980 e novos tempos**. 1. ed. São Paulo: Perspectiva, 2019.

BARBOSA, Ana Mae. **Tópicos Utópicos**. Belo Horizonte: COM ARTE, 1998.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, 2018.

Bibliografia Complementar

SCIFONI, Simone. **Conhecer para preservar**: uma ideia fora do tempo. Revista do Centro de Preservação Cultural da USP (Rev. CPC), São Paulo, n. 27 especial, p. 14-31, jan./jul. 2019. Disponível em: https://revistas.usp.br/cpc/pt_BR/article/view/157388. Acesso em: 5 jul. 2026.

SCIFONI, Simone. Patrimônio e educação no Brasil: o que há de novo? **Educação & Sociedade**, Campinas, 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/ES.255310>. Acesso em: 5 jul. 2026.

BRASIL. **Lei nº 15.100, de 13 de janeiro de 2025**. Dispõe sobre a utilização, por estudantes, de aparelhos eletrônicos portáteis pessoais nos estabelecimentos públicos e privados de ensino da educação básica. Brasília, DF: Presidência da República, [2025]. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2023-2026/2025/lei/l15100.htm. Acesso em: 17 jul. 2026.